

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE PRODUÇÃO EDITORIAL**

**DESNUDE: UMA ANÁLISE SOBRE O CONSUMO DA SEXUALIDADE
FEMININA POR MULHERES JOVENS CISGÊNERAS**

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Beatriz Moreira Cesar

Santa Maria, RS, Brasil

2018

DESNUDE: UMA ANÁLISE SOBRE O CONSUMO DA SEXUALIDADE FEMININA POR MULHERES JOVENS CISGÊNERAS

Beatriz Moreira Cesar

Monografia apresentada ao Curso de Produção Editorial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Produção Editorial.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Rubia da Silva

Coorientador: Me. Alisson Machado

Santa Maria, RS, Brasil

2018

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Ciências da Comunicação
Curso de Produção Editorial**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a monografia**

**DESNUDE: UMA ANÁLISE SOBRE O CONSUMO DA SEXUALIDADE
FEMININA POR MULHERES JOVENS CISGÊNERAS**

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a. Dr.^a. Sandra Rubia da Silva (Presidenta/Orientadora - UFSM)

Prof.^a Dr.^a. Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira-Cruz (UFSM)

Ma. Julia do Carmo (POSCOM - UFSM)

Santa Maria, dezembro de 2018.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo aos privilégios proporcionados pelo árduo trabalho de minha mãe e meu pai. Tenho plena consciência que minha posição como estudante de uma universidade federal hoje só é possível pela possibilidade concedida de ter me dedicado durante o ensino básico exclusivamente aos estudos, o que infelizmente não é a realidade da maior parcela da população brasileira.

A minha mãe, também agradeço a minha criação feminista, a qual mesmo sem que ela tenha consciência, é a responsável por minha força e determinação na luta diária para que todas minhas irmãs mulheres possam ter direitos que são nada mais do que básicos.

À Ricardo, pelas comidas feitas e horas me ouvindo falar sobre meu trabalho.

Às minhas entrevistadas e colaboradoras de pesquisa, as quais emprestaram seu tempo, suas narrativas de vida e valiosas opiniões para este trabalho e que, sem elas, não seria tão esclarecedor.

À minha orientadora, professora Sandra Rúbia, que desde o princípio me apoiou neste trabalho e me ajudou muito com suas correções perspicazes, que apenas os olhos de alguém que cresceu com um professor de língua portuguesa é capaz de capturar. Também agradeço aos integrantes do grupo de pesquisa Consumo e Culturas Digitais, principalmente as especiais Julia, que realizou leituras atentas e muito importantes deste trabalho ao longo do ano e Aline, que além de também ter feito parte dos exercícios de pré-banca o longo do ano, me ajudou na realização do Grupo Focal.

Por fim, um agradecimento mais do que especial ao Alisson, meu coorientador, que participou ativamente desta jornada ao longo dos semestres, me emprestando, pacientemente, seu rico conhecimento sobre feminismo e grupos minoritários, sempre me atentando sobre as delicadezas de tratar deste tema.

*Uma mulher descerá o morro
como se descesse de uma estrela
uma mulher seus olhos iluminados
suas mãos pulsando vida e luta
sob seus pés a velha serpente
[a baba as armas a covardia de sempre].*

*Uma mulher descerá o morro
as inúmeras escadarias do morro
os muros arames que separam o morro
e pisará o chão desse país sem nome
desse país que ainda não existe
desse país que interminavelmente não há*

*Uma mulher descerá o morro
tempestade é o vestido que ela veste*

*Uma mulher descerá o morro
e ainda que seu sangue caia
ferida incessante no asfalto do Estácio
e ainda que anunciem sua morte
[e sim, ainda que a comemorem]
esta mulher ninguém poderá parar.*

Micheline Verunschik,
15 de março de 2018,
manhã seguinte à execução de Marielle Franco.

RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Comunicação Social
Habilitação Produção Editorial
Universidade Federal de Santa Maria

DESNUDE: UMA ANÁLISE SOBRE O CONSUMO DA SEXUALIDADE FEMININA POR MULHERES JOVENS CISGÊNERAS

AUTORA: BEATRIZ MOREIRA CESAR

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. SANDRA RUBIA DA SILVA

COORIENTADOR: ME. ALISSON MACHADO

O presente trabalho buscou investigar a circulação da série erótica *Desnude* na rede social Twitter e fundamentar uma discussão acerca da expressão da liberdade sexual feminina. Para aprofundar o debate suscitado na série analisada, foram realizados grupos focais com mulheres jovens. O grupo de mulheres pesquisado neste trabalho constituiu-se de jovens cisgêneras moradoras da Casa do Estudante Universitário II da Universidade Federal de Santa Maria. Para pensar a sexualidade feminina inserida em uma sociedade patriarcal, o consumo das narrativas eróticas e a metodologia desenvolvida, esta monografia apoia-se nos estudos de Butler (2016) para pensar o feminismo, Nunes (2000) trazendo uma rica fundamentação histórica e Chanter (2011) para tensionar as questões de gênero, além de trazer Douglas (2006) para discutir o consumo e Recuero (2009) pensando na abordagem metodológica de entrevistas e análise de circulação online.

Palavras-chave: Consumo; Internet; Gênero; Sexualidade Feminina; Séries Eróticas.

ABSTRACT

The present work sought to investigate the circulation of the erotic series *Desnude* in the social media Twitter and to substantiate a discussion about the expression of the feminine sexual freedom. To deepen the debate raised in the series analyzed, focus groups were held with young women. The group of women researched in this study was constituted of young women from the Casa do Estudante of the Universidade Federal de Santa Maria. In order to think about the feminine sexuality inserted in a patriarchal society, the consumption of the erotic narratives and the methodology developed, this monograph is based on the studies of Butler (2016) to think feminism, Nunes (2000) bringing a rich historical foundation and Chanter (2011) to stress gender issues, in addition to bringing Douglas (2006) to discuss consumption and Recuero (2009) thinking about the methodological approach of interviews and analysis of online circulation.

Keywords: Consumption; Internet; Gender; Feminin sexualiaty; Erotics Series.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pôster do primeiro episódio	37
Figura 2: Pôster do segundo episódio	38
Figura 3: Pôster do terceiro episódio	40
Figura 4: Pôster do quarto episódio	41
Figura 5: Pôster do quinto episódio	42
Figura 6: Pôster do sexto episódio	43
Figura 7: Pôster do sétimo episódio	44
Figura 8: Pôster do oitavo episódio	45
Figura 9: Pôster do nono episódio	46
Figura 10: Publicação recomendando a série, 12 de abril de 2018	57
Figura 11: Publicação exaltando a produção feminina, 06 de março de 2018	59
Figura 12: Publicação não recomendando a série, 6 de março de 2018	61
Figura 13: Publicação de influenciadora divulgando a série, 3 de março de 2018	63
Figura 14: Publicação em resposta a influenciadora, 5 de março de 2018	63
Figura 15: Publicação seguidora de influenciadora, 6 de março de 2018	64
Figura 16: Publicação sobre falta de acesso, 6 de março de 2018	65
Figura 17: Publicação do site Acidez Feminina	66
Figura 18: Publicação do perfil Meu clitóris, minhas regras	69
Figura 19: Publicação do perfil Blog Garota molhada	70

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
MULHERES, SEXUALIDADES E GÊNEROS: CATEGORIAS DE DISPUTA	18
1.1 Os Femininos e os feminismos	18
1.2 Sexualidade e dominação	22
2. CONSUMO CULTURAL	28
2.1 Consumo cultural, identidade e representação	28
2.2 Consumo de quem? Para quem?	31
3. METODOLOGIA	35
3.1 Frentes metodológicas	35
3.2 DESNUDE: A Série	35
3.1.1 Sobre ontem à noite	37
3.1.2 Indomável	38
3.1.3 Quarto 111	40
3.1.4 Tirando onda	41
3.1.5 O jantar exterminador	42
3.1.6 Detetive particular	43
3.1.7 #Antesdos19	44
3.1.8 Eva	45
3.1.9 Playtime	46
3.1.10 Desnude: o documentário	46
3.3 A observação online	47
3.4 O Grupo Focal	48
4. ANÁLISE	51
4.1 Eu como moradora da Casa do Estudante Universitário	51
4.2 Twitter	51
4.3 O grupo focal	53
4.4 Apresentação das colaboradoras da pesquisa:	53
4.4.1 Anna	53
4.4.2 Amelia	54
4.4.3 Joana	56
4.5 Categorias de análise	56
4.5.1 Gostaram	57
4.5.2 Não gostaram	60
4.5.3 Influenciadoras	62
4.5.4 Sem acesso	64
4.5.5 Educação sexual: da escola ao círculo familiar	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS	74

INTRODUÇÃO

Sexo:

1 - Diferença física ou conformação especial que distingue o macho da fêmea; 2 - Conjunto de indivíduos que têm o mesmo sexo; 3 - Relação sexual; 4 - Órgãos sexuais externos; 5 - o sexo forte: designação tradicionalmente atribuída ao conjunto das pessoas do sexo masculino; 6 - o sexo fraco: designação tradicionalmente atribuída ao conjunto das pessoas do sexo feminino. (AURÉLIO, 2018).

A palavra *sexo* no dicionário Aurélio da Língua Portuguesa possui seis possíveis definições. Passando pela constituição biológica, os órgãos genitais, as relações sexuais/afetivas e o sexo como elemento sociocultural da distinção social e simbólica que diz respeito ao gênero, enquanto atributo social que valoriza, em nossa cultura ocidental, o homem, sujeito masculino, “sexo forte”, em detrimento às mulheres, consideradas “sexo fraco”. Destas definições, nos interessa a definição de sexo em relação à sexualidade, às práticas sexuais e descobertas de si pelas mulheres jovens e cisgêneras que compõem a pesquisa. Parte-se do entendimento do sexo como exercício da sexualidade, seja nas vivências e descobertas do próprio corpo ou nas relações sociais e sexuais em que as pessoas se envolvem. No entanto, as demais definições apresentadas estão implicadas na cultura, na compreensão do corpo e, principalmente, se tornam importantes para pensarmos na construção dos significados sociais e culturais tanto do sexo quanto das sexualidades, que são objetos de disputa que implicam em relações de poder (FOUCAULT, 1988).

Início esta monografia com a definição de sexo para demarcar o que ao longo do trabalho busco refletir: a liberdade feminina, principalmente pública, nas práticas e exercício de suas sexualidades. O assunto sexo ainda não é algo confortavelmente passível de discussão entre as mulheres, uma vez que estas ainda sofrem julgamentos sociais ao expor ou afirmar sua sexualidade. Ser mulher e, publicamente, declarar suas opiniões e desejos referente à temática é algo que, muitas vezes, causa grande impacto em nossa sociedade, principalmente quando os receptores dessas mensagens são homens.

Essa “surpresa” masculina ao ouvir mulheres falando sobre sua sexualidade está atrelada à história de nossa sociedade, a qual foi desenvolvida em torno das ideias androcêntricas com influências das instituições de poder tradicionais, como a família

.centrada no poder do pai e a Igreja. Segundo Nunes (2000), podemos observar uma transformação na ideia de sexualidade, que inicia-se século II com a mulher como um ser não completo e involuído, como o “não-sexo”, o sexo inacabado, uma espécie de homem que não conseguiu se desenvolver por completo; é apenas no século XVIII que as mulheres começam a ser reconhecidas como completas e como um sexo biologicamente definido, mas esta definição acaba sendo ligada a ideia de maternidade e reprodução, sendo esta entendida como uma real vocação das mulheres e estendendo a esse propósito suas práticas sexuais, bem como o exercício de sua sexualidade.

A sexualidade e o mercado criado em torno dela sempre foram, tradicionalmente, voltados para o público masculino. Homens cisgêneros e heterossexuais sempre tiveram maior liberdade de falar sobre o tema e consumir produtos midiáticos que o abordassem, sem que houvesse a necessidade de esconder os seus desejos. Nesta autonomia masculina está refletida a construção de uma sociedade patriarcal na qual o prazer feminino é visto como subsidiário da satisfação masculina (LOURO, 2000).

Como sociedade patriarcal, entendemos a existência de um pacto social entre os homens, que garante a opressão e submissão das mulheres. “Neste regime, as mulheres são objetos de satisfação sexual dos homens [e] reprodutoras de herdeiros” (SAFFIOTI, 2004, p. 105).

Esta construção de uma sociedade patriarcal criou um tabu sobre o assunto sexualidade no qual as mulheres estão envoltas. Enquanto mulheres brancas tiveram, por muito tempo, o exercício de sua sexualidade como algo quase etéreo e ligado à reprodução, as mulheres negras tiveram sua sexualidade exposta desde o período colonial, quando os “conquistadores” europeus as tratavam como objetos de prazer devido suas características fenotípicas. Saliçada uma das disparidades históricas da sexualidade de mulheres heterossexuais cisgêneras brancas e negras, o ponto de contato entre elas está na negação do prazer feminino, este dito prazer encontra-se em uma via de mão única, objetivando apenas o prazer do homem.

Podemos pensar então nas barreiras encontradas pelas mulheres não heterossexuais, as quais têm suas liberdades sexuais historicamente cerceadas uma vez que fogem totalmente da norma, norma esta que objetiva exclusivamente o prazer

masculino. Quanto maior os marcadores marginais, desviantes da norma que uma mulher carrega, maior os desafios em sua vida e exercício de suas liberdades.

Este histórico se torna muito evidente nas produções audiovisuais do mercado erótico, que propaga estereótipos de gênero e sexualidade. Algumas correntes feministas defendem que a pornografia é uma das grandes responsáveis pelas violências sofridas por mulheres, já que esta “reduz as mulheres a mercadorias, objetos que podem ser comercializados e consumidos para aliviar a busca de prazer masculino” (SANTANA, 2014, p. 21).

Posteriormente à invenção da pílula anticoncepcional, que trouxe uma certa “liberdade sexual” para as mulheres, a temática sexo passa a ser abordada em diversos meios midiáticos, porém produzindo imagens e sentidos, na maioria das vezes, de uma mulher hipersexualizada e/ou focando em espécies de tutoriais de como dar prazer ao homem (BUTLER, 2016).

Na contramão desse processo, com o crescente engajamento de grupos feministas em plataformas digitais e redes sociais, a sexualidade feminina vem se tornando pauta de discussões mais aprofundadas e com foco no prazer feminino, na descoberta do próprio corpo, na aceitação de si, etc. Ficou muito mais fácil encontrar lugares em que o sexo não é mais tabu entre mulheres, porém isto ainda não chega com tanta força às produções midiáticas tradicionais.

Uma rápida pesquisa do termo “sexualidade feminina” em plataformas como *Google* e *Youtube* gera como resultado diversos materiais que questionam este tabu. Podemos claramente destacar alguns canais que tratam do assunto, como: *DRelacionamentos*¹, *Cátia Damasceno*², *GNT*³... Contudo observa-se que filmes eróticos nunca são apresentados como resultados para esta pesquisa.

¹ DRelacionamentos é um canal na plataforma Youtube que tem como temática o feminismo, dentre suas pautas está a sexualidade feminina a qual sempre é olhada pelo viés feminista, pregando a liberdade sexual. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/DRelacionamentos>>, acessado em abril/2018.

² Cátia Damasceno é uma especialista em sexualidade feminina e uroginecologia, além de professora de Pompoarismo, seu canal no Youtube possui mais de um milhão e oitocentos mil inscritos e aborda todo o universo sexual, de relacionamentos à práticas.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/mulherbemresolvida>>, acessado em abril/2018.

³ O canal GNT se posiciona para o público feminino específico e aborda temáticas que envolvem a sexualidade em sua grade de programação fixa. Exemplo disso é o programa Saia Justa, o qual está há quinze anos no ar e que aborda temáticas como política, sexo, trabalho, entre outros temas que permeiam

É neste contexto sociocultural que esta monografia se insere: um período em que se começa a levar em conta o prazer feminino através de conteúdos produzidos por mulheres e para mulheres, mulheres começam a autoafirmar sua sexualidade e uma parcela da indústria audiovisual tenta acompanhar esse movimento e, assim, continuar lucrando, para poder dialogar com seu público que não era considerado consumidor de filmes eróticos, uma vez que seu próprio erotismo era considerado indiferente. Neste cenário, o presente trabalho visa investigar os processos de consumo de narrativas audiovisuais sobre a sexualidade feminina por um grupo de mulheres e a circulação da série erótica *Desnude* na rede social em que se mostra mais presente, o Twitter.

Para estudar o consumo deste grupo de mulheres, parte-se do conceito de consumo como fenômeno moldado por considerações de ordem cultural (ROCHA, 2006) logo, para entendê-lo é necessário compreender sua correlação com a cultura na qual os consumidores estão inseridos e como este desempenha um papel central como estruturador de valores. Podemos então definir que este trabalho articula-se no conceito de cultura do consumo, enxergando que este consumo é pensado a partir de um padrão sociocultural e, além disso, é simbólico.

Importante também entender que este consumo é conceituado como um processo público e socialmente compartilhado; retirando sua significação na esfera coletiva (ROCHA, 2006). O que pode ser articulado para pensarmos o consumo das redes sociais que, atualmente, se fazem presentes do cotidiano de muitas pessoas.

Em março de 2018 foi lançada a série *Desnude* em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. A série, produzida pelo GNT e pelo coletivo Hysteria, foi pensada por mulheres e para mulheres e, desde o princípio, contou com a participação do público já que, para a elaboração do roteiro, as produtoras receberam via e-mail as histórias e fantasias sexuais das telespectadoras do GNT.

A série partiu da demanda da GNT, emissora de televisão por assinatura que surgiu em 1991 objetivando ser um canal de notícias sobre o nome Globosat News Television (GNT), mas que atualmente adota um posicionamento totalmente voltado para o público feminino, por exemplo, criando conteúdos sensuais/eróticos significativos

a sociedade, mas sempre através de opiniões de mulheres; atualmente o programa é apresentado por Gaby Amarantos, Taís Araujo, Pitty, Astrid Fontenelle e Barbara Gancia.

para suas telespectadoras. Esta demanda encontrou sua estruturação no Coletivo Hysteria, criado a partir da produtora independente Conspiração Filmes, porém com a proposta de apoiar as produções midiáticas femininas, segundo o site do Hysteria, o coletivo é “uma plataforma de conteúdo sonhada, criada e produzida por mulheres. Nascemos dentro da Conspiração para amplificar nossas vozes e anseios por meio de vídeos, textos, podcasts (...)”⁴ .

Desnude, que é o resultado da colaboração de dois veículos de comunicação, pensados para mulheres, foi transmitida no canal GNT às 23:30 horas, de segunda a sexta-feira, durante a segunda e a terceira semana do mês de março do ano de 2018. Além disso, a série foi disponibilizada no GloboPlay - plataforma de *streaming* da Rede Globo - sendo que os dois primeiros episódios ficaram, durante uma semana, com acesso livre.

A série serve de base para a discussão acerca do consumo da sexualidade feminina levantada nesta monografia, a qual não pretende esmiuçar o produto audiovisual em si (planos, roteiro, cenas...), mas sim analisar elementos que são levantados por ela como: Quais são os meios de exercício da sexualidade feminina e qual o entendimento dessa sexualidade pelas mulheres?

Para responder estas perguntas, o trabalho se apoiará em uma metodologia própria construída através de uma triangulação de abordagens através de problemáticas que dizem respeito ao consumo e à circulação da série na internet, pensando a partir de Recuero (2009). Para compreender a relação que se estabelece entre essa narrativa audiovisual e a produção de significado a respeito da sexualidade feminina nos ambientes digitais, o trabalho se realiza através de uma aproximação à narrativa audiovisual, uma observação sistemática da circulação e consumo dessa narrativa na internet, através da coleta e análise de dados selecionados no Twitter.

Além disso, foram realizados grupos focais com alunas da Universidade Federal de Santa Maria, moradoras da Casa do Estudante Universitário, nos quais apresentou-se cenas da série durante as sessões para embasar as discussões acerca do consumo de produções eróticas e da construção da sexualidade feminina, além disso, algumas participantes assistiram aos episódios em suas casas.

⁴ Disponível em <<https://hysteria.etc.br/sobre-nos/>>. Acessado em: 30 de out. 2018.

O trabalho busca dialogar com a problemática da sexualidade feminina, a partir da série, objetivando entender quais são as configurações do entendimento da sexualidade feminina, por parte das participantes da pesquisa através dos temas abordados na série *Desnude*.

Os objetivos específicos desta monografia são: analisar como as mulheres moradoras da Casa do Estudante Universitário da UFSM enxergam as produções audiovisuais eróticas e os dispositivos liberação/repressão da sexualidade feminina, entender quais são as configurações do entendimento das pesquisadas sobre a sexualidade feminina, além de pensar acerca da oportunidade de crescimento do mercado erótico voltado para o público feminino.

Encontrar trabalhos acadêmicos que interseccionam sexualidade feminina e conceitos trabalhados no campo comunicacional se mostrou uma tarefa um tanto árdua. A pesquisa sobre essa temática é escassa não apenas na área da comunicação, mas também em diversas outras. O campo da saúde é o que mais produz pesquisas a respeito da sexualidade feminina, mas não por um viés da cultura, que interessa ao trabalho.

Entre as pesquisas mais relevantes para a temática deste trabalho está a dissertação *“Como as revistas femininas brasileiras identificam as representações da sexualidade feminina - um estudo de caso das revistas Lola, Nova e Marie Claire”*, defendida em 2015, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, de autoria de Débora Farjado Pontes. Em sua pesquisa a autora se propõe identificar as representações da sexualidade feminina nas revistas analisadas e como estas repercutem, ou não, nos estereótipos femininos vigentes na cultura ocidental. O terceiro capítulo da dissertação denominado *“A (des)construção da sexualidade, o discurso da beleza e as representações da mulher”* nos auxilia a entender como a mulher foi e é representada nas mídias, o que se mostra muito importante para a construção deste trabalho.

Outro trabalho que contribui para o aprofundamento das questões levantadas nesta monografia é a dissertação de mestrado *“As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo”*, defendida em 2006, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, de autoria de Márcia Rejane Postiglioni Messa. Este trabalho

contribui para o estudo do consumo da sexualidade feminina por mulheres cisgêneras uma vez que analisa a recepção de fãs brasileiras do programa da HBO, focando nos três pilares temáticos da série (sexo, comportamento e consumo). A dissertação apresenta um panorama das representações femininas no meio televisivo, além de contribuir com a percepção das mulheres entrevistadas sobre o tema do sexo trazida pela série.

Neste trabalho, a autora destaca a dificuldade das entrevistadas em falar sobre sexo, como possíveis motivos para esta dificuldade a autora destaca o distanciamento dela para com as entrevistadas, o que acaba tornando complexo a inserção do assunto de modo natural. Além disso, Messa elenca a construção de uma sociedade patriarcal sobre a qual foi instaurado um tabu sobre mulheres e sexualidade.

Para entender o viés do consumo que é abordado neste trabalho, a dissertação *“Em um relacionamento sério com o celular’: uma etnografia das práticas de consumo de smartphones por mulheres”*, de autoria de Camila Rodrigues Pereira, defendida no Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Santa Maria em 2017, se mostra muito relevante uma vez que nos ajuda a pensar o consumo como reflexo das transformações sociais. No subcapítulo *Gênero e consumo de tecnologias*, Pereira, além de fazer uma rica reflexão sobre gênero traz pesquisas sobre o consumo das tecnologias digitais por mulheres. Estes estudos salientam as estruturas sociais moldadas na construção androcêntrica e apontam que a tecnologia pode ter tanto um papel empoderador, quanto reforçar padrões e estereótipos na vida destas mulheres.

Os três trabalhos acadêmicos no estado da arte elaborado agregam conhecimentos tanto no viés do consumo quanto no viés da sexualidade, além de contribuírem para o desenvolvimento da metodologia. No entanto, neste estado da arte, não foram encontrados trabalhos no campo da comunicação que tratassem do desenvolvimento do erotismo feminino.

A presente monografia se justifica por essa escassez de trabalhos acadêmicos que visam entender a sexualidade feminina a partir da visão das próprias mulheres; focando na sexualidade feminina atrelada ao consumo audiovisual de narrativas eróticas. Este trabalho tem um objeto empírico atual e que se relaciona com as pautas

feministas vigentes, tornando-se pertinente e contribuindo com os avanços da luta pela equidade de gênero.

No primeiro capítulo, intitulado *Mulheres, sexualidades e gêneros: categorias de disputa*, buscamos apresentar uma contextualização histórica sobre as diferentes formas de ser mulher e quais foram as principais construções socioculturais responsáveis pelas demarcações de gênero atualmente estabelecidas.

Para pensar no consumo como instancia produtora de significados e categoria identitária e representativa, trazemos o segundo capítulo do trabalho sob o título *Consumo cultural*, nele pensamos acerca das pessoas consumidoras de produtos culturais e quem são representadas por estes.

O terceiro capítulo, *Metodologia*, discorre sobre a série Desnude, que é o objeto de estudo do trabalho; além de apresentar e teorizar as duas frentes metodológicas utilizadas: o grupo focal e a observação online do Twitter.

Os dados encontrados e as discussões levantadas durante a realização deste trabalho encontram-se no quarto capítulo, *Análise*. Nele analisamos tanto os dados encontrados no Twitter a respeito da série, quanto as discussões pautadas no grupo focal, associando seus resultados as discussões previamente levantadas no primeiro capítulo teórico. O quarto capítulo é seguido por Considerações finais, onde afirmamos os resultados encontrados, além de apontar possíveis caminhos de pesquisa.

1. MULHERES, SEXUALIDADES E GÊNEROS: CATEGORIAS DE DISPUTA

1.1 Os Femininos e os feminismos

Durante muito tempo houve uma unificação dos termos sexo biológico e gênero e, ainda hoje, é possível encontrar resquícios da fusão desses termos tanto em conversas do cotidiano quanto em livros, como o caso do dicionário Aurélio apresentado na introdução deste trabalho.

Ao atrelar gênero ao sexo biológico, as sociedades, principalmente as ocidentais, contribuíram para a consolidação de preconceitos e disparidades de gênero, encontrando uma justificativa chancelada pela natureza para criar papéis, ideias atribuídas aos gêneros feminino e masculino, sustentando seus argumentos, principalmente, no falocentrismo, machismo e na força física natural atribuída aos homens.

Silvia Alexim Nunes (2000) apresenta uma linha do tempo da construção de sociedades patriarcais, nas quais começam-se a pensar no masculino e feminino a partir de ideias cunhadas por Aristóteles, desde o Século II.

O filósofo pensava nas semelhanças dos corpos físicos, tratando as mulheres como espécies de homens que, por não terem recebido calor suficiente durante a gestação, não conseguiram completar seu desenvolvimento e, devido este fator, possuem seus órgãos sexuais internos. A partir da ideia da mulher como um homem não completo, as sociedades, principalmente ocidentais, se desenvolveram tendo a figura masculina como completa e central nas configurações sociais (LAQUEUR, 2001).

A conceituação da mulher como o não-sexo, o sexo incompleto, perpetua e encontra um terreno fértil no ideal de diversos teóricos ao longo dos séculos e é, apenas no século XVII, com o estabelecimento de disciplinas ou campos científicos como a Anatomia, recebendo estatuto de ciência, que o feminino se afirma como sexo biológico completo, separado e diferente do corpo masculino (LAQUEUR, 2001).

Esta constatação abala as tradicionais instituições de poder vigentes que encontram como saída para manter a dominação patriarcal e sustentar o capitalismo que começa a se desenhar, aceitar a completude feminina, mas, ao invés de focar nas

semelhanças, como era até então, afirma as diferenças entre os dois gêneros, enfocando nos processos sociais de atribuições a determinados papéis em função do sexo.

Neste momento, a mulher como matriarca entra em cena, a figura da mãe de família se torna o pilar que sustenta todo o discurso patriarcal: se estabelece a mulher como casta e figura a ser velada, de instância privada; no núcleo das famílias. Muitos dos discursos sociais pensam a mulher como completo contraponto à figura masculina: enquanto os homens devem se preocupar com o trabalho, tornando-se figuras públicas, as mulheres deveriam viver em casa, ocupando-se com as atividades privadas e do lar (NUNES, 2000).

Importante salientar que, com o estabelecimento da anatomia como campo científico, descobre-se que o prazer feminino, ao contrário do masculino, nada tem a ver com a gestação, o que até então não era algo de conhecimento público. Neste momento, o prazer feminino passa a ser deixado de lado e tratado como algo destinado aos prostíbulos, não tendo as belas “mulheres de família” como alvo.

Toda essa construção patriarcal das sociedades ocidentais está atrelada a diversos fatores políticos. Podemos citar o poder dos colonizadores para com suas colônias e o domínio da igreja católica, no modelo social mais recente. Esses fatores moldam as percepções sociais, logo é:

(...)necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos (LOURO, 2003, p. 21).

Podemos perceber que as construções sociais são resultantes dos valores de cada momento histórico e estes interferem na atual conjuntura sociocultural. Se hoje temos uma realidade na qual a mulher precisa lutar pelos seus direitos, autoafirmar sua capacidade e cobrar sua liberdade, isto é resultado de comportamentos valorizados ao longo do tempo. O comportamento e os valores que mulheres e homens deveriam

manter para serem reconhecidos e valorizados foram mudando ao longo dos séculos, e isto se deve aos interesses das instituições de poder vigentes e suas estratégias de domínio, porém também devemos creditar os movimentos feministas pelas suas conquistas que trouxeram diversos direitos às mulheres.

Ao analisarmos os dominadores, as pessoas e instituições que detiveram o poder ao longo tempo, percebemos a forte presença do masculino, isto se dá pelo contraponto entre feminilidades e masculinidades na ocupação de lugares públicos e privados. Uma vez que o poder se concentra no masculino, este se torna, dentro da regra cis e heterossexual, o sexo e o gênero determinante. É necessário atentar a “quem definia a diferença, quem era considerado diferente, o que significava ser diferente; o que estava em jogo, de fato, eram desigualdades” (LOURO, 2003, p. 46).

O jogo das desigualdades travado ao longo da história aponta a força da dominação patriarcal que conseguiu se manter e afirmar-se como regra. O patriarcado se mostra uma força presente até hoje, mesmo que seus principais argumentos sejam frágeis, como distinções físicas, psíquicas e comportamentais que serviram para cancelar os lugares sociais e possibilidade próprios de cada gênero (LOURO, 2003).

Os movimentos feministas ocupam-se de questionar e tensionar os papéis sociais, reivindicando direitos e posicionando as mulheres no campo público. Na cena mundial, a primeira onda do feminismo ocupa-se, principalmente, do sufrágio, seguido pela segunda onda, que amplia o debate questionando a sexualidade, direitos e representatividade e, atualmente, o movimento feminista caracteriza-se na terceira onda, preocupando-se com a pluralidade do sujeito mulher, buscando entender as diferentes formas de ser mulher e os diferentes marcadores sociais carregados por cada uma. É importante pensarmos que as ondas feministas não obedecem a uma ordem cronológica, mas desenvolvem-se a partir das reivindicações específicas de cada região que as lutas feministas se desenvolvem.

No Brasil o movimento feminista afirma-se no início do século XX com a luta sufragista, que é pautada até 1930, quando as mulheres adquirem o direito ao voto. Após um período uma certa quietude, o movimento regenera suas forças junto a grupos militantes do período ditatorial, enfrentado pelo país durante as décadas de 1960 a 1980, adquirindo uma série de características muito específicas do cenário político

nacional. O tensionamento dos papéis de gênero aconteceu em meio a luta pela democracia; mulheres saem do ambiente familiar e participam das lutas armadas, o que é revolucionário, uma vez que estas adquirem êxito em um papel tradicionalmente masculino (SARTI, 2004).

Um período chave para o movimento feminista, não apenas brasileiro, mas mundial, foi a década de 1970. Neste momento, é possível destacar dois acontecimentos que revolucionaram e deram visibilidade à luta feminista: a pílula anticoncepcional populariza-se no final de 1960, trazendo uma certa liberdade sexual às mulheres e a ONU declarando, oficialmente, 1975 como o Ano Internacional da Mulher, dando visibilidade mundial as pautas do movimento (SARTI, 2004).

É também na década de 1970 que a conceituação de gênero é adotada, em parâmetro mundial, como identidade não determinada no nascimento. Começa-se a entender e distinguir sexo biológico de gênero, sendo este uma identidade que é construída socialmente, que é variável e múltipla (CHANTER, 2011). “Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito [...] pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o.” (LOURO, 2003, p. 25).

Outra contribuição importante para a articulação do feminismo brasileiro foi o retorno de militantes exiladas durante a ditadura militar. Elas contribuíram com o compartilhamento de ideias pautadas em diversos países, onde o feminismo preocupava-se com outras questões, que não eram necessariamente pautadas e discutidas no território nacional, onde o cenário político era muito distinto (SARTI, 2004). Costa (2005) resume o movimento feminista durante a década de 1970:

Em linhas gerais, poderíamos caracterizar o movimento feminista brasileiro dos anos 1970 como fazendo parte de um amplo e heterogêneo movimento que articulava as lutas contra as formas de opressão das mulheres na sociedade com as lutas pela redemocratização (COSTA, 2005, p. 7).

Nas duas décadas posteriores, o feminismo brasileiro torna-se mais próximo do campo político, envolvendo-se na estrutura de partidos, estratégico e articulado. Na

década de 1980, podemos encontrar um registro histórico da fundação de diversas organizações sem fins lucrativos dedicadas a diferentes pautas feministas; também é neste momento que vemos o feminismo entrando na política - exemplo disso é o movimento feminista no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, o qual, no final do mandato do governo Sarney (1985 - 1990), seria desfeito - aproveitando-se do desenho da Constituição de 1988 para pautar questões fundamentais ao movimento (COSTA, 2005).

A década de 1990 chega pautando intensamente o feminismo como um movimento plural, o que já estava sendo discutido na década anterior, mas neste momento torna-se o foco da discussão. Nesta época, o movimento feminista brasileiro alia-se a terceira onda, entendendo as diversas formas de ser mulher e os diversos marcadores socioculturais que incidem sobre cada uma, dando visibilidade e incorporando as diversas identidades feministas (COSTA, 2005).

Um importante marco para esta articulação mundial de um movimento feminista pluralizado da década de 1990 é a publicação do livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler, que tensiona o feminismo. A autora questiona a noção do sujeito mulher, o tratamento da categoria *mulheres* como uma identidade comum, a binariedade e heterossexualidade compulsória, além de questionar o próprio movimento feminista totalizante protagonizado, em sua maioria, por mulheres brancas e acadêmicas (BUTLER, 2016).

Os questionamentos delineados no começo da terceira onda feminista perpetuam até hoje, com o feminismo interseccional. Atualmente podemos falar em movimentos feministas, no plural, uma vez que estes são deliberadamente diferentes e afirmam-se como diferentes (feminismo negro, indígena, transgênero), mesmo que, em determinadas situações, seja necessária uma articulação mais unificada, reforçando pautas que afetam a todas essas mulheres.

1.2 Sexualidade e dominação

O exercício da sexualidade ao longo dos séculos passou por diversas mudanças, estas estão associadas às descobertas científicas atreladas ao domínio da Igreja

Católica e às transformações políticas ocorridas no contexto ocidental. O controle da sexualidade pelas instituições de poder se deve ao fato do próprio sexo ser uma instância de poder. Segundo Guacira (2000):

Nossas definições, convenções, crenças, identidade e comportamentos sexuais não são o resultado de uma simples evolução, como se tivessem sido causados por algum fenômeno natural: eles têm sido modelados no interior de relações definidas de poder (LOURO, 2000, p. 28).

O que temos então, é uma história de como a sexualidade foi pautada de acordo com interesses das instituições que atuavam na dominação social de cada momento histórico. Se hoje, temos uma configuração social na qual diferentes mulheres se articulam para afirmar, dentre outras agendas, seu exercício sexual e sua liberdade sexual, isso é reflexo de uma ordem social criada em cima de valores instituídos pelos órgãos de poder.

Pensando na nossa atual configuração social, o controle da sexualidade chega ao Brasil junto ao estabelecimento da Igreja Católica, que traz, atrelado aos sermões de catequese, os comportamentos sexuais permitidos. Nesta época do Brasil Colônia, pauta-se o sexo como ato estritamente reprodutivo e de domínio masculino, trazendo as configurações escravagistas de controle e dominação para dentro das relações marido e esposa (DEL PRIORI, 2006).

Impunha-se uma dicotomia sexual, na qual o homem era ativo e a mulher, passiva. O desejo sexual constituía-se em um direito exclusivo do homem, cabendo às esposas, a submissão e a virtude. O esforço de adestramento dos afetos, dos amores e da sexualidade, sobretudo a feminina, afinava-se com os objetivos do Estado Moderno e da Igreja, em tornar a relação entre os sexos mais próxima do ideal da sociedade católica, evitando as infrações que o pudessem perturbar (DEL PRIORI, 2006, p. 26).

É importante salientar que, no Século XVI, a anatomia não estava estabelecida como campo científico e ainda não era conhecido o fato de que orgasmo feminino não interferia na gestação. Logo, durante este período ainda era estimulado, por parte da

Igreja, o gozo feminino (NUNES, 2000). Durante o Século XVIII e começo do XIX acontece a efervescência dos prostíbulos no Brasil. As chamadas *maison close* tornam-se casas requintadas e populares entre os homens da época. O tráfico de mulheres é intensificado e, nas *maison close*, encontram-se mulheres de diversas nacionalidades, principalmente europeias (DEL PRIORI, 2006).

Segundo Del Priori (2006), enquanto as mulheres “de família” deveriam manter-se virgens e, quando casadas, fieis aos seus maridos, os homens mantinham uma espécie de dupla moral. No ambiente privado, mantinham relações curtas e estritamente para fins reprodutivos (e aqui era declarado o fim do gozo feminino), conforme regia a Igreja. Porém os homens podiam burlar as regras uma vez que tinham uma vida fora de casa e, nesta vida pública, frequentavam os bordéis as quais destinavam seus desejos sexuais.

O sexo dentro do casamento era algo que tentava se aproximar do casto, a nudez não era praticada mesmo na relação conjugal. Durante o ato sexual, marido e mulher permaneciam com suas camisolas, não se despindo por completo. A nudez escancarada era algo a ser destinado aos bordéis, com suas chamadas mulheres públicas. “Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo, era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina vista como um mal inevitável que se havia de suportar” (DEL PRIORI, 2006, p. 195).

Nunes (2000) aborda as transformações que começam a tomar forma no século XIX. É neste período que os estudos na área da sexologia ganham força. Nestes estudos, procura-se justificar a dessexualização da mulher e afirmar seu papel maternal. O cientificismo começava a ganhar uma força cada vez maior em comparação com ao que se tornaria a decadência do domínio da Igreja Católica, muito afetada pelo desenvolvimento do Iluminismo e Protestantismo.

A mulher tinha de ser naturalmente frágil, agradável, boa mãe, submissa e doce etc. As que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais. Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente, anormal. Pensavam que a histeria era decorrente do fato de que o cérebro feminino podia ser dominado pelo útero (DEL PRIORI, 2006, p. 218-219).

Este foi um período em que a medicina e a psicanálise se preocupavam com a mulher categorizada como histérica. A solução para esses distúrbios psicológicos era a maternidade, a qual era tida como a verdadeira natureza feminina e a razão de seu exercício sexual. Porém, é também nesta época que se começa a falar sobre o amor. É no Século XIX que a literatura da escola romântica chega e se desenvolve no Brasil.

A partir do romantismo e, posteriormente, dos avanços tecnológicos que permitiram o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, passa-se a prezar pelo romance, pela troca de sentimentos. O casamento arranjado passa a ser visto como *demodê* e não mais condiz com a realidade social do século XX – casamentos esses que dizem respeito às elites, uma vez que os grupos marginalizados e suburbanos não compartilhavam a prática dos arranjos matrimoniais movidos à interesses econômicos. Nesse cenário, o cinema e as novelas de rádio passam a contar histórias inspiradas nos bravos soldados que deixaram suas famílias para lutar pelo seu país e, ao retornar, são recebidos com os beijos calorosos de suas esposas (DEL PRIORE, 2006).

Ao passo que os motivos do casamento se transformam, a própria relação também começa a se modificar. É no século XX que a relação sexual se torna mais pessoal e os corpos, até então velados, se despem. A corpo passa a fazer parte não só do cotidiano de casal, mas também da sociedade. A prática do esporte, as idas à praia, o biquíni e a propaganda contribuem para transformar o corpo como instância pública e, com isso, cria-se a preocupação estética e a indústria da beleza mais vigorosa.

Até a década de 1950, a sexualidade é muito parecida com o discurso que encontramos ao longo da história: a mulher deve servir ao marido, a sexualidade feminina estava atrelada à reprodução, o sexo como uma instância privada e reservada ao matrimônio. Porém, segundo DEL PRIORI (2006), na segunda metade do Século XX podemos encontrar momentos mais marcantes de mudança:

Entre as décadas de 1960 e 1970 eclode o fruto tão lentamente amadurecido: a chamada “revolução sexual”. Nessa história, novo ato se abre com o desembarque da pílula anticoncepcional no Brasil. Livres da sífilis e ainda longe da aids, os jovens podiam experimentar de tudo (DEL PRIORI, 2006, p. 320).

Junto à efervescência do feminismo na década de 1970, já apresentada anteriormente, a sexualidade feminina passa por um movimento de libertação. Os avanços nas pautas feministas, trazem também essa liberdade para a área política e demarcam muitas das mudanças em nossa sociedade. Porém, com o surto de AIDS da década de 1980, a libertação sexual das mulheres não avança muito, no entanto também não acaba sendo totalmente suprimida.

O que encontramos neste momento é o “aval social” para o namoro, para as relações afetivas e para o sexo descompromissado; no entanto ainda paira um julgamento sobre as mulheres.

Este julgamento vinha - e ainda vem, uma vez que podemos encontrar resquícios da construção social machista que serviu de base para a nossa sociedade - através de frases como "moça para casar" e "moça de família" que servem para separar as mulheres que exercem sua sexualidade e as que se reservam ao matrimônio.

A partir da década de 1990, os meios de comunicação de massa começam a falar abertamente sobre sexo; é o momento de “transição entre o ‘amor idílico’ dos avós para a ‘sexualidade obrigatória’, dos netos” (DEL PRIORI, 2006, p. 333). As revistas femininas vão trazer diversas matérias sobre a temática, educando as jovens mulheres sobre o assunto.

Diversos trabalhos dão conta de entender o discurso de revistas femininas populares no final do século XX e início do XXI, à exemplo da dissertação de Pontes (2015) citada na introdução deste trabalho que analisa as revistas Lola, Nova e Marie Claire. Em pesquisas que se utilizam da análise de revista, podemos identificar como o discurso sobre sexo, feito por estas revistas femininas, se articula no novo cenário mundial, onde reivindica-se o orgasmo, porém ainda existe um olhar conservador e heteronormativo incidindo sobre as matérias. Comumente identificamos revistas com chamadas no estilo “faça o seu homem feliz”, nestas matérias existe o reconhecimento do direito ao exercício sexual feminino, porém ainda recai sobre elas o androcentrismo sexual.

Pensando a partir desse resgate histórico que tensiona a sexualidade feminina como campo de disputa e poder, este trabalho busca contribuir com os avanços das lutas feministas acerca da libertação sexual. Se, atualmente, a sexualidade começa a ser um assunto confortavelmente mais discutido, necessitamos pensar a razão de ele não ser frequentemente representado na sua pluralidade em produtos midiáticos destinado às mulheres. Se hoje, pautamos a liberdade do exercício sexual em suas diversas formas, também é um direito consumi-lo como material midiático.

2. CONSUMO CULTURAL

2.1 Consumo cultural, identidade e representação

O consumo, há muito tempo, deixou de ter apenas a visão das ciências econômicas, atrelado a posse de bens materiais. Hoje podemos pensar o consumo como inerente a diversas práticas cotidianas: desde a compra em um supermercado ao uso do seu celular, da sua televisão ou mesmo uma visita ao museu.

Consumir é cultura, esses dois polos não podem ser separados um do outro uma vez que os dois caminham juntos e se influenciam. As nossas práticas de consumo estão atreladas às nossas práticas socioculturais, tanto no modo de consumir quanto no produto/serviço a ser consumido.

Se antes pensávamos em um consumo apenas algo inscrito em uma pirâmide, como a proposta por Maslow, onde existiam espécies de degraus que o indivíduo percorria para chegar ao próximo estágio, hoje pensamos também no ambiente sociocultural no qual o consumidor está envolvido e em seu capital simbólico.

Pensar um em uma pirâmide na qual a base do consumo está em atender as necessidades fisiológicas, para então pensar em sua segurança, depois nas necessidades sociais, autoestima, até atingir o topo das necessidades humanas, a realização pessoal, foi uma teoria muito importante para o desenvolvimento da área do marketing. Porém entendemos que esta teoria não trabalha importantes aspectos dos estudos sociais, como as diferentes culturas experienciadas por diversas pessoas.

Esta monografia desafia-se a estudar o consumo da sexualidade feminina através de uma narrativa audiovisual erótica. Para tanto, é preciso não só entender as estruturas sociais e as configurações culturais que enquadraram a sexualidade feminina como um assunto tabu, o que é explorado no capítulo *Mulheres, sexualidades e gêneros: categorias em disputa*, mas também o consumo como instância social e cultural.

Segundo Rocha (2006, pag.9) é preciso pensar o consumo como “um fenômeno cultural e como foco privilegiado para entender a vida contemporânea”. Trabalhar com

o consumo é entender a cultura, o simbólico e o que ele traz implicitamente: rituais e valores.

É preciso dissociar a visão do consumo do uso corriqueiro do termo, o qual costuma ser usado atrelado a ideia de consumismo, impulsos irracionais de compra. “Esta desqualificação moral e intelectual se apoia em outros lugares-comuns sobre a onipotência dos meios de massa, que incitariam as massas a se lançarem irrefletidamente sobre os bens” (GARCIA CANCLINI, 2005, p. 59).

Teorias do consumo que supõem um consumidor marionete, presa das artimanhas do publicitário, ou consumidores que competem invejosamente sem motivo sensato, ou ainda consumidores lemingues que correm para o desastre, são frívolas, e até mesmo perigosas. (ROCHA, 2006, p. 10)

Essa ideia se sustenta em teorias da comunicação que enquadra o receptor como um indivíduo totalmente passivo, a exemplo da Teoria Hipodérmica. A concepção do instrumento de comunicação de massa como detentor do controle do processo comunicativo não mais descreve este processo atualmente. “Hoje vemos os processos de consumo como algo mais complexo do que uma relação entre meios manipuladores e dóceis audiências” (GARCIA CANCLINI, 2005, pag. 59)

Para entender esse processo complexo que é o consumo, Garcia Canclini (2006) propõe uma teoria sociocultural do consumo, pensando em aspectos de diferentes áreas para compor um estudo voltado para o consumo. Essa interdisciplinaridade se faz necessária para que entendamos os diferentes aspectos desse processo que é muito abrangente.

Nossas escolhas de consumo não são privadas, elas fazem parte do campo público; ao selecionarmos o que consumimos “definimos o que consideramos publicamente valioso, bem como os modos de nos integrarmos e nos distinguimos na sociedade, de combinarmos o pragmático e o aprazível” (GARCIA CANCLINI, 2006, p. 35).

O consumo se torna um assunto ainda mais público tendo as redes sociais como ferramentas de compartilhamento de experiências, “as fronteiras entre a vida pública e a vida privada tornam-se um novo campo de batalha nas sociedades modernas”

(THOMPSON, 2010, p. 30). Se antes uma parte do nosso consumo era público para um grupo que frequentava a nossa casa, por exemplo, hoje isso se expandiu para aqueles que nos seguem nas redes sociais e podem observar os cômodos em que postamos fotos.

Da mesma forma que o consumo não é privado, ele também não é vazio de significado. As escolhas de consumo estão atreladas a significações, rituais e valores situados em uma dada cultura de uma organização social específica. Segundo Douglas e Isherwood (2006, p. 121) “todos os bens são portadores de significado, mas nenhum o é por si mesmo” logo, o valor daquele determinado produto está intrínseco a configuração cultural da qual o consumidor pertence.

A função essencial do consumo é sua capacidade de dar sentido. Esqueçamos a ideia da irracionalidade do consumidor. Esqueçamos que as mercadorias são boas para comer, vestir e abrigar; esqueçamos sua utilidade e tentemos em seu lugar a ideia de que as mercadorias são boas para pensar: tratemo-las como um meio não verbal para a faculdade humana de criar. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006, p. 108)

Mary Douglas, Christopher Isherwood (2006) e Garcia Canclini (2006) concordam com o fato dos bens serem carregados de significados e rituais sociais. As pessoas os utilizam como demarcações de rituais de passagem de suas histórias de vida, unindo-os de significados e a sociedade reconhece estes valores, afirmando seu valor. Dentro desta perspectiva, uma das funções do consumo como processo ritual é dar sentido aos eventos, distingui-los, demarcá-los como importantes.

É possível identificar este processo ritual em diversas situações na nossa sociedade ocidental, onde os padrinhos de um casamento dão os melhores presentes aos noivos, ou então o ato de todos os integrantes da família sempre assistirem juntos a novela. Essas situações demonstram que o consumo, tanto material como imaterial, é carregado de significados e valores.

Porém o consumo não é usado, apenas, para marcar acontecimentos, mas também para afirmar diferenças. Consumir é pertencer a um grupo, já que este processo ocorre na esfera pública, é evidenciar as semelhanças e proclamar as distinções. Ao se associar a uma determinada tribo, o indivíduo sustenta características deste grupo, torna-se parte dele e isso se traduz em signos.

Desde a roupa que usamos, passando pelos filmes que assistimos e as músicas que escutamos, os bens traduzem quem somos ou quem queremos parecer ser. “Existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que essa pessoa usa” (WOODWARD, 2012, p. 9).

A construção das identidades passa pela demarcação do consumo, uma vez que utilizamos os bens para refletir ao mundo com o que nos identificamos. Utilizamos o consumo para afirmar as diferenças; este processo faz parte da construção da identidade, a qual, segundo Kathryn Woodward (2012), utiliza-se da demarcação das diferenças, da exclusão e inclusão simbólica e social do outro.

Um processo chave para estabelecimento de identidades de grupos, ou mesmo individuais, é a representação. “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (WOODWARD, 2012, p. 17). Se ver representado em um espaço é uma afirmativa de seu pertencimento a ele e, não se ver, é um recado de que aquele não é o seu lugar.

É necessário parar e refletir sobre quem é representado e quem é excluído dos espaços de poder. Ter a liberdade de afirmar uma identidade significa poder, significa dizer que determinado grupo tem voz e merece ser ouvido, porém, para que ocorra o processo de identificação é necessário, primeiramente, estar representado para que possa ser reconhecido.

2.2 Consumo de quem? Para quem?

Um importante aspecto do consumo tratado nesta monografia é o acesso restrito a determinadas pautas e discussões. Vivemos um cenário em que as agendas feministas circulam, principalmente, através da internet, chegando a mulheres com as mais diferentes vivências.

Manuel Castells afirma que diversos “movimentos sociais do século XXI, ações coletivas deliberadas que visam transformações de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela internet” (2001, p. 114). Esta é uma ferramenta de mobilização muito importante para os movimentos em luta.

A internet e, principalmente, as redes sociais possibilitaram o engajamento e a mobilização feminina sobre diversas pautas, sendo um importante instrumento de luta. Porém é de extrema importância sinalizar que esta ferramenta não é acessível à uma grande parcela da população do Brasil, logo, determinadas discussões não atingem grande parte das pessoas.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo Instituto brasileiro de geografia e estatística (IBGE) em 2016, 64,7% da população brasileira acima de dez anos utiliza a internet. Esse dado nos mostra que uma parcela muito grande da população não possui acesso a internet, redes sociais e discussões que circulam neste ambiente.

É ingênuo pensar que todas as mulheres possuem acesso aos debates que circulam nas redes. Mesmo que uma influenciadora digital tenha um número estrondoso de visualizações e compartilhamentos, mesmo que um tópico feminista entre nos *trends*⁵ do Twitter, mesmo que haja um grupo de mulheres unidas e engajadas em uma causa no Facebook e tenha um enorme número de membros, como o caso de “Mulheres unidas contra o Bolsonaro”⁶, essas discussões possuem a possibilidade de engajar apenas a parcela de mulheres: as que possuem acesso à ela.

Por isso, a televisão ainda é o meio de comunicação de massa que está mais instaurado nos lares brasileiros, a pesquisa PNAD (2016) aponta que apenas 2,8% da amostra não possuem um aparelho televisor em sua residência. Logo, o veículo com maior potencial de diálogo no Brasil é a televisão; ela está em quase todas as casas do país, adentrando locais em que a internet não chega.

Devido esse fato, apontamos a importância da representatividade de minorias na programação televisiva. Muitas pessoas só têm a oportunidade de consumir produções

⁵ “Trend é um tópico ou hashtag determinada algoritmicamente como o mais popular do momento no Twitter. Você pode personalizar os Trends baseados em sua localização ou em quem você segue”. Tradução nossa. Disponível em: <<https://help.twitter.com/en/glossary>>.

⁶ Grupo de mulheres no Facebook criado em protesto ao candidato Jair Bolsonaro, do Partido Social Liberal (PSL) durante as eleições presidenciais de 2018. Este grupo engajou milhares de mulheres através da hashtag #elenão, porém foi hackeado. Mesmo após ter sido hackeado, o grupo manteve as mulheres engajadas e, a partir dele, surgiram diversos outros grupos locais em protesto ao candidato, os quais foram responsáveis por articular manifestações ao redor do Brasil, dando força a luta emcabecada, principalmente, por mulheres. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>> ; <<https://epoca.globo.com/como-grupo-mulheres-contra-bolsonaro-foi-hackeado-no-facebook-23083037>>.

audiovisuais através da televisão, logo, seus processos de construção de suas identidades também passam pelos conteúdos transmitidos nos canais, principalmente, abertos.

A pesquisa realizada pelo IBGE ainda traz um dado muito importante para o desenvolvimento desta pesquisa: o percentual de domicílios com televisão por assinatura. Em 2016 apenas 33,7% das residências brasileiras possuíam acesso à programação por assinatura.

Este trabalho tem o objetivo de debater a representação da sexualidade feminina através de uma narrativa erótica. No entanto, deve-se observar quem são as pessoas que têm acesso a esse debate, uma vez que a série analisada foi transmitida no canal GNT. Mulheres que possuem acesso a televisão por assinatura, tiveram a oportunidade de assistir a série, porém as que não possuem acesso foram excluídas desse debate.

A falta de acesso ao canal GNT implicou, não apenas na audiência da série, mas também em sua criação. Os roteiros dos episódios foram baseados em histórias que as espectadoras do canal enviaram para a produção, logo, quem não era espectadora do canal, dificilmente contribuiu com a criação de *Desnude*.

Friso o fator da falta de acesso pois algumas mulheres falaram sobre este tópico em seus perfis no Twitter, o que será analisado mais adiante no trabalho. No entanto, estas mulheres possuem outras formas de debater algumas questões feministas pois possuem acesso à internet, tanto que tomaram conhecimento da existência da série. Muitas outras não possuem internet e televisão por assinatura, a estas o debate ainda não chega e a representação também não.

A internet, mesmo estando longe de alcançar toda a população, como a hegemonia da televisão aberta, ainda é o meio midiático mais inclusivo, o que mais empodera seus usuários no sentido da apropriação do meio, possibilitando sua resignificação.

Através da internet debates de produtos chegam aos que não teriam acesso a eles já que os usuários apropriam-se do dispositivo em uma lógica de compartilhamento. Este compartilhamento, e conseqüentemente, a inclusão de mais pessoas no debate, encontra os mais diversos modos de operar: seja através do *download* de audiovisuais,

da disponibilização de acessos em serviços de streaming ou criação de comunidades destinadas a disponibilização de materiais.

3. METODOLOGIA

3.1 Frentes metodológicas

O presente trabalho visa entender diferentes aspectos sobre o consumo de narrativas eróticas por mulheres, elencando a série *Desnude* como ponto chave de discussão sobre a representação da sexualidade feminina. Pensando na realização de um trabalho que dialogue com as mulheres e ouçam as diversas opiniões a respeito do assunto, esta pesquisa trabalhou com duas frentes de análises: monitoramento e observação da circulação da série no Twitter e realização de grupos focais para discussão da temática.

Ao optar por duas abordagens metodológicas, tomamos consciência dos desafios que esta escolha traria para a elaboração de uma monografia. Porém escolhemos o fazer devido a riqueza de olhares que seriam analisados sobre a temática proposta, uma vez que a observação do Twitter nos ajuda a entender a circulação da série na rede social e quais impactos e discussões foram geradas a partir dela; já o grupo focal se mostra importante para aprofundar o debate sobre sexualidade, o que é possibilitado pelo contato próximo com as colaboradoras, o que permite captar minúcias.

3.2 DESNUDE: A Série

A série *Desnude* foi exibida no mês de março de 2018, em comemoração ao Dia Internacional das Mulheres, no canal GNT às 23:30h, além de sua exibição no canal de televisão por assinatura, a série encontra-se disponível na plataforma de streaming da rede globo, Globosat Play. Segundo a sinopse disponível no Globosat Play “a série *Desnude* se propõe a explorar e desconstruir a sexualidade feminina. Nela, a mulher assume o seu protagonismo e dita as regras quando o assunto é sexo”⁷. A série propõe afirmar o protagonismo feminino no campo sexual e colocar a mulher como ser desejante e não apenas objeto desejado, subvertendo a ideia presente na sociedade

⁷ Sinopse da série disponível em: <<http://globosatplay.globo.com>>

patriarcal de uma sexualidade feminina que deve ser tratada como um assunto privado, não devendo ser levado ao domínio público.

Desnude é uma minissérie procedimental (ou seja, conta com episódios independentes uns dos outros) de dez episódios, dos quais nove são histórias e, o último, é um documentário sobre os bastidores do programa. O documentário sobre o processo de criação e filmagem se faz relevante devido ao fato da série contar com uma equipe majoritariamente feminina, tendo apenas dois eletricitas homens, o que está fora dos padrões das produções audiovisuais uma vez que a indústria cinematográfica ainda é dominada por homens.

Cada um dos episódios de, em média, 20 minutos, aborda uma temática específica, mas sempre tendo como tema principal as fantasias sexuais femininas. Para pensar estas fantasias através da perspectiva feminina, o canal GNT criou uma campanha para que suas telespectadoras lhes enviassem histórias de seus fetiches e, a partir destes relatos, a emissora, junto com o coletivo Hysteria, selecionou as temáticas a serem abordadas em cada capítulo.

3.1.1 Sobre ontem à noite

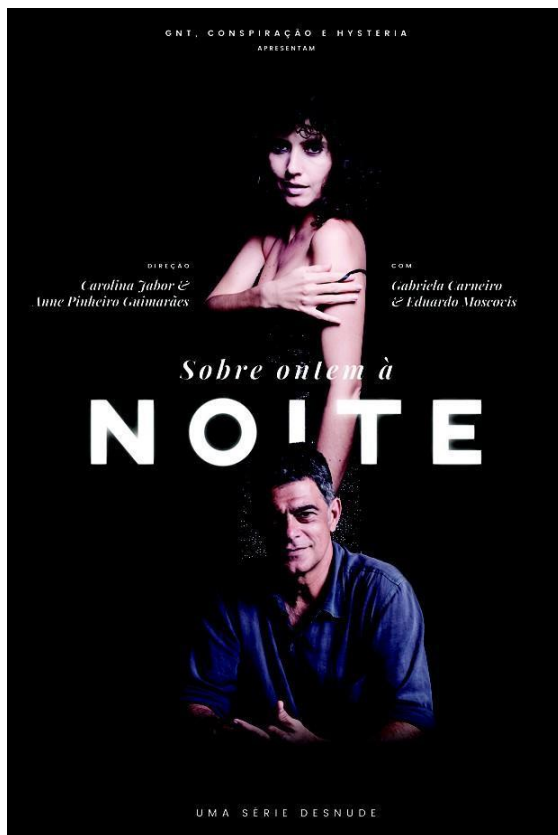


Figura 1: Pôster do primeiro episódio

Este é primeiro capítulo da série e tem a relação de um casal como foco do enredo. O episódio apresenta o casal heterossexual, brancos, de classe média alta e com filhos, o clássico padrão de família estruturada feliz que protagoniza diversas produções audiovisuais. No entanto, a essência da história não é contar a vida deste casal e seus problemas, mas sim, apresentar como a sexualidade pode se fazer presente na vida de uma mulher que é mãe e casada.

O episódio apresenta uma mulher que gosta de fantasiar com seu marido uma relação poligâmica. A personagem narra cenas de “traição” hipotéticas tanto dela quanto do marido, brincando assim com monogamia estabelecida na relação. Em suas fantasias, verbalizadas a seu parceiro, a personagem principal não se prende à heterossexualidade, fantasiando tanto com homens quanto mulheres. É interessante

notar que o mesmo não ocorre quando o marido decide contar suas fantasias, ele fantasia apenas com mulheres.

3.1.2 Indomável



Figura 2: Pôster do segundo episódio

O segundo episódio tem como protagonista uma editora com deficiência auditiva, mas o ponto tratado no episódio é como esta mulher trabalha sua sexualidade e quais mecanismos são utilizados para “compensar” o sentido que lhe falta e que no sexo pode ser uma importante ferramenta para o prazer. A forma com a qual a personagem exerce sua sexualidade se dá através da troca de mensagens eróticas com seu colega de trabalho, *sexting*.

Importante ressaltar que este episódio traz Clarice Falcão como protagonista, o que aproxima o público fã da artista com a série *Desnude* - o que foi observado na circulação da série no Twitter. A divulgação feita pela influenciadora na rede social gerou

grande engajamento - o que foi analisado no capítulo 4 deste trabalho - atraindo diversas pessoas.

A série *Desnude* segue circulando nos ambientes midiáticos e foi pauta em determinado momento no programa “Conversa com o Bial”, da Rede Globo, em novembro de 2018. Questionada pelo apresentador acerca dos comentários recebidos, Clarice Falcão analisou os comentários, em geral, como positivos, porém chamou atenção para um episódio no qual o seguidor categorizou a série como não erótico por apresentar a influenciadora como protagonista, comparando-a com a atriz Paola Oliveira que, segundo ele, seria o ideal para tratar sobre o erotismo. Sobre este episódio, Clarice respondeu:

Se eu fosse mais nova, estaria chorando. ‘Ah, comigo não é não’, mas tive a presença de espírito de inclusive responder que existe erotismo para todo mundo. Se você gosta da Paolla Oliveira, e ela é maravilhosa, OK, eu também adoro ela, mas tem também para quem goste de tudo... De Clarice Falcão. (CLARICE FALCÃO, 2018).⁸

⁸ Programa exibido no dia 15 de novembro de 2018. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7165219/>. Acesso em: 16 de novembro de 2018.

3.1.3 Quarto 111

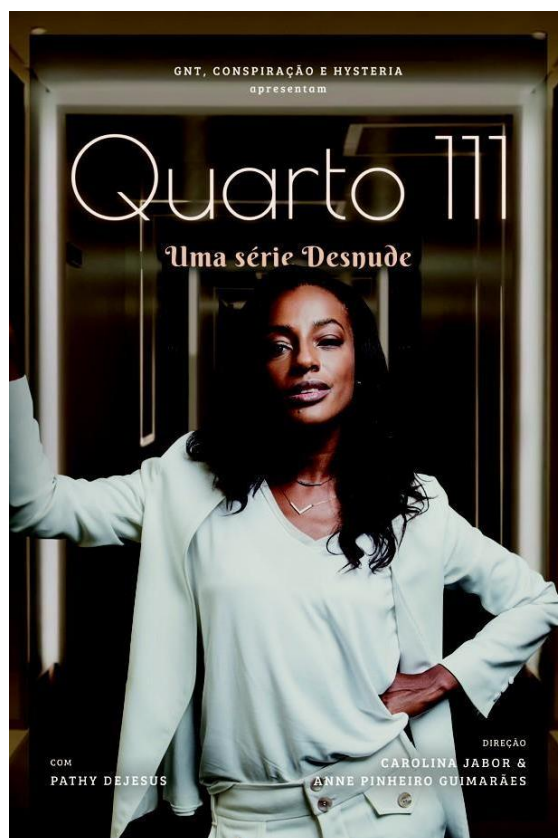


Figura 3: Pôster do terceiro episódio

O terceiro episódio da série apresenta uma mulher negra como protagonista, o que ainda não havia acontecido nos primeiros capítulos de *Desnude*. Neste episódio a protagonista se hospeda em um hotel e, na primeira noite, ouve o casal que está hospedado ao lado fazendo sexo e começa a se masturbar. Além das cenas de masturbação, o capítulo também mostra uma cena de *ménage* entre o casal hospedado e a protagonista.

3.1.4 Tirando onda

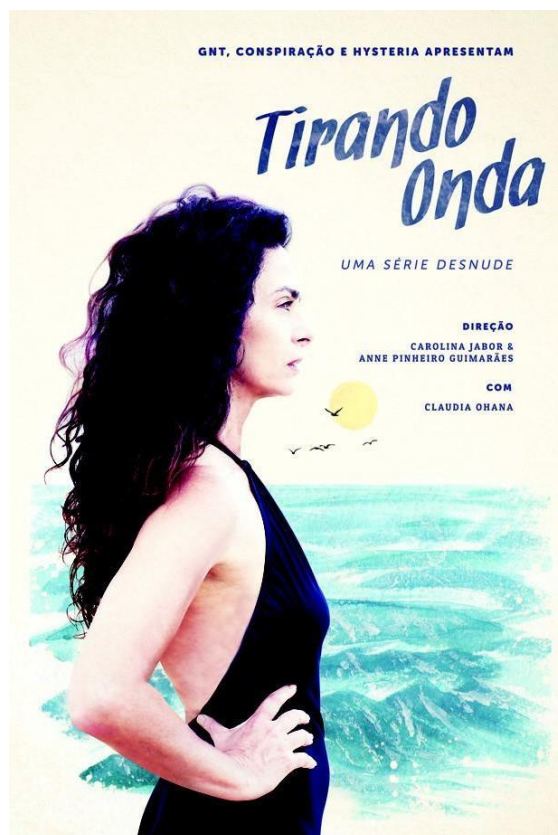


Figura 4: Pôster do quarto episódio

Tirando onda é o quarto episódio da série e tem como protagonista a renomada atriz Cláudia Ohana, colocando em pauta a sexualidade de mulheres com mais de quarenta anos: suas vivências, seus dilemas e desejos. Quebrando a tradição da indústria audiovisual, este capítulo traz a protagonista, Deby, se envolvendo sexualmente com o filho de sua prima, o qual possui a mesma idade de seu filho.

3.1.5 O jantar exterminador

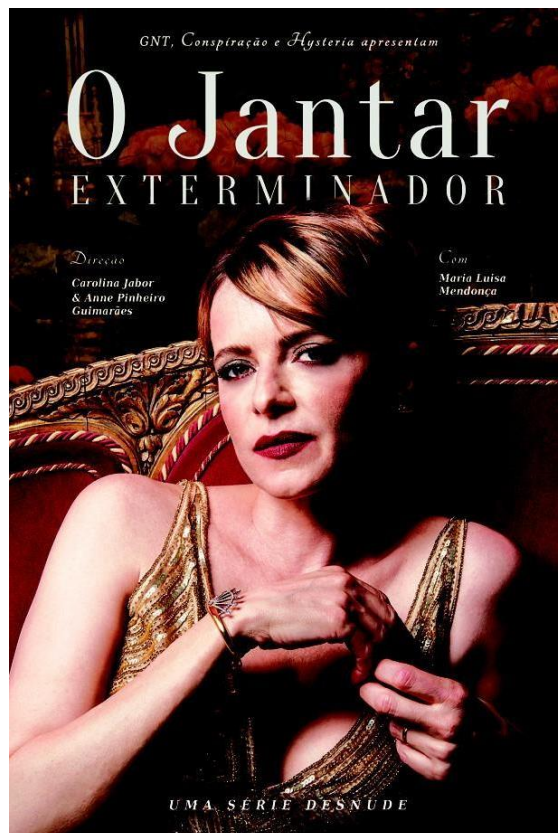


Figura 5: Pôster do quinto episódio

Talvez o quinto episódio de *Desnude* seja o mais ousado em termos de direção de arte; com inspirações da tropicália e uma temática voltada para a extrapolação do imaginário, *O jantar exterminador* apresenta os delírios sexuais de uma mulher de classe média alta durante um jantar na mansão de amigos.

Totalmente voltado para a fantasia, o episódio traz as vontades mais internas desta mulher sendo representados desde cenas de sexo à foco em objetos sexualizados, que remetem tanto a pênis quanto a vaginas.

A questão mais presente e pautada no capítulo são as amarras sociais que permeiam a sociedade e como a protagonista freia seus desejos e curiosidades devido a estas amarras; isto se torna muito evite no monólogo realizado pela protagonista ao final do episódio, do qual destaco o trecho “Não me interessa as amarras, os preconceitos, a repressão, os medos, os complexos... Contra as elites vegetais!”.

3.1.6 Detetive particular

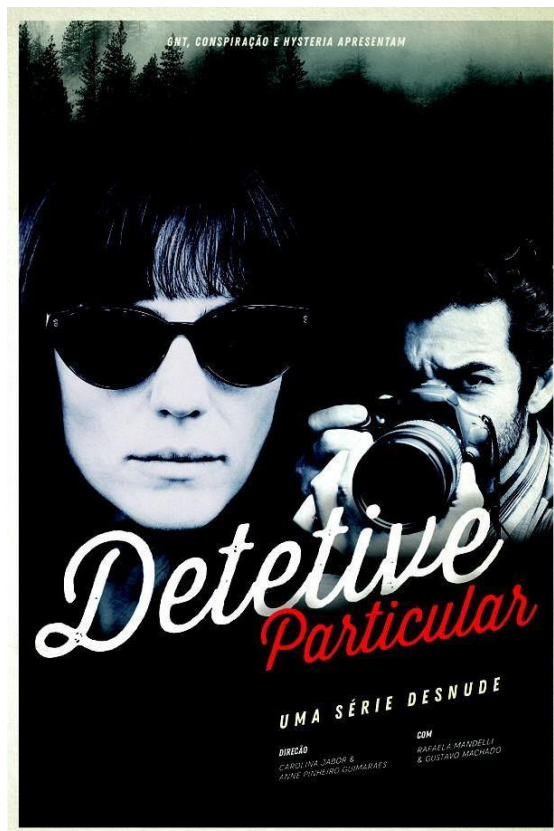


Figura 6: Pôster do sexto episódio

Este capítulo traz uma trama de mistério que permeia quase todo o episódio, este mistério é criado pela protagonista do episódio que decide contratar um detetive para vigia-la. A temática proposta por *Detetive particular* é o desejo de ser observada, o tesão que envolve a protagonista ao contratar um detetive para persegui-la, fotografá-la em seu dia-a-dia, a ideia de criar uma aparência e trama misteriosa para atraí-lo para si.

3.1.7 #Antesdos19

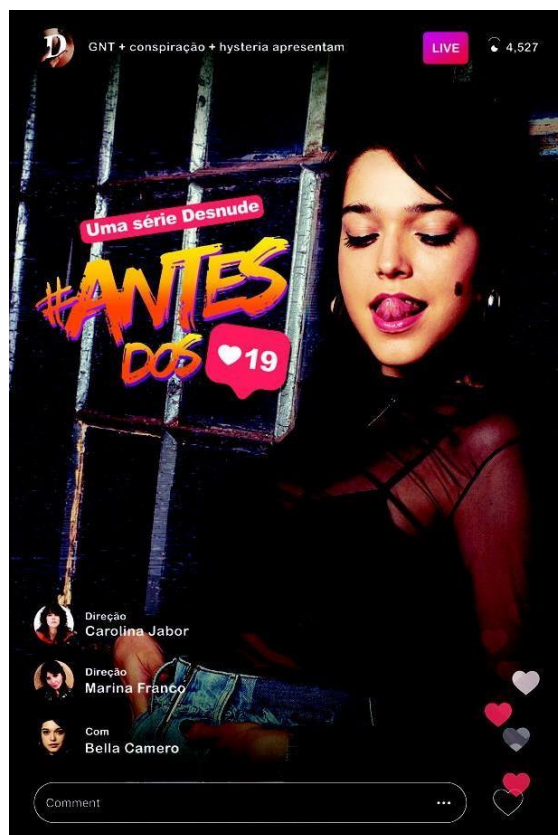


Figura 7: Pôster do sétimo episódio

Esse episódio de *Desnude* tem o objetivo de dialogar com jovens mulheres que estão envoltas no clássico dilema da descoberta sexual, para isso, #antesdos19 apresenta uma personagem que acabou de completar dezoito anos e encontra-se perdida quanto à sua sexualidade.

Além da temática da sexualidade, o capítulo demonstra como a sexualidade é produzida nas articulações via internet, tensionando a questão da superexposição a qual a protagonista se submete após criar um canal na plataforma *Youtube* com a proposta de cumprir desafios sexuais propostos pelos seguidores.

Observa-se que, ao final do episódio, a protagonista acaba estabelecendo um relacionamento homossexual o que, até então, não tinha sido uma temática abordada com ênfase pela série.

3.1.8 Eva



Figura 8: Pôster do oitavo episódio

Dialogando com as fantasias recebidas das telespectadoras do GNT, Eva é um episódio que traz a temática sobrenatural para o campo das relações sexuais. Este episódio apresenta a protagonista, que dá nome ao episódio, como uma personagem muito tímida e insegura, mas que, ao ter sua primeira experiência sexual, a qual se dá com um fantasma, cria uma segurança por se sentir especial, por ter sido escolhida.

3.1.9 Playtime

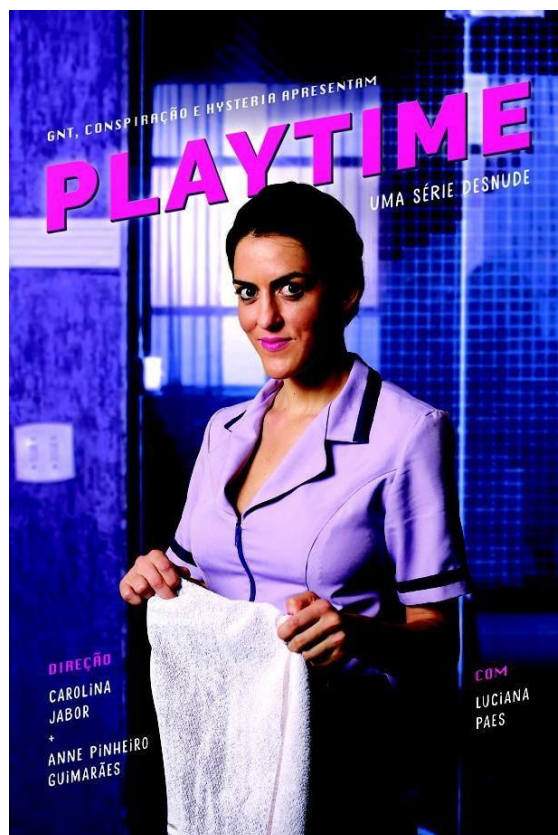


Figura 9: Pôster do nono episódio

A última história da série tem a camareira de motel Suellen como protagonista. O episódio acompanha um dia comum de trabalho na vida desta camareira, no entanto o que torna seu expediente interessante são as fantasias sexuais que esta cria em sua mente enquanto arruma os quartos do motel. Suas fantasias estão presentes durante todo o episódio.

É interessante analisar as cenas em que Suellen se autocorrige quando percebe que não está se colocando como protagonista do ato sexual, ressaltando o protagonismo sexual feminino.

3.1.10 Desnude - O documentário

O décimo episódio da série é, na verdade, um documentário sobre o processo de criação de Desnude. Com o propósito de exaltar a produção quase totalmente

feminina, este capítulo conta com cenas do *making of* da série e várias pequenas entrevistas com componentes da equipe técnica. Com esse episódio, a série dialoga com o protagonismo feminino não apenas no estímulo ao exercício da sexualidade feminina, mas também na ocupação de lugares tradicionalmente, devido a construção patriarcal da sociedade, reservados aos homens. Em dado momento o episódio com carácter documental ressalta o exercício da função de contrarregra - profissional que é responsável por marcação de atores, mudanças de cenários e estruturas - realizada por uma mulher, o que não é nada comum na indústria audiovisual.

3.3 A observação online

A primeira etapa desta pesquisa consistiu na observação sistemática da circulação da série no Twitter. Para tanto, observou-se a circulação das hashtags: #Desnude, #DesnudeGNT e #DesnudeNoGNT, sendo esta última a “oficial” divulgada pela própria emissora.

A observação, método mais utilizado nas ciências sociais em pesquisas empíricas, tem como objetivo observar e entender aspectos e variantes na composição de cada fenômeno. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) atentam para a impossibilidade de abarcar todos os aspectos de uma realidade, para isso delimitamos amostras ou *corpus* de pesquisa. Segundo Lopes (2005, p. 142), o processo de observação é “uma etapa crucial da investigação e reveste-se de questões metodológicas particularmente graves”.

Este primeiro passo foi dado com cautela para não acabar influenciando os dados coletados na pesquisa e/ou restringindo o olhar do pesquisador. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) trazem uma síntese sobre os preceitos da Teoria Fundamentada, o que serviu de base para a estruturação desta etapa de trabalho.

Apesar desses conflitos, no entanto, há uma série de elementos comuns que podem ser associados ao método e ao processo geral da Teoria Fundamentada. [...] Ela permite ao pesquisador que foca um fenômeno bastante novo que tenha a chance de experimentar o campo empírico, observando os novos elementos e construindo suas percepções através da análise e reflexão sistemáticas dos dados encontrados em campo. [...] A Teoria Fundamentada busca, portanto, fornecer ao pesquisador uma perspectiva

diferenciada, cujo foco está na valorização dos dados (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 87)

A partir do entendimento da Teoria Fundamentada, a observação, coleta e análise dos dados foram feitas concomitantemente, pois “a análise dos dados vai [...] auxiliando a refinar o próprio processo de coleta dos mesmos. Trata-se de um processo de retroalimentação constante entre o empírico e a análise do mesmo” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 92).

Durante o período de coleta de dados, abril a junho de 2018, foram observadas as publicações feitas por mulheres no Twitter. Todas as publicações foram salvas e separadas em pastas no computador, que posteriormente transformaram-se em categorias de análise. Uma particularidade desta pesquisa foi a possibilidade de coleta manual de todos os *tweets* publicados com as hashtags elencadas, o que muitas vezes não é possível devido ao grande número de publicações.

Através dessa ampla observação e análise, foi possível delimitar categorias de publicações a respeito da série (estas são apresentadas e destrinchadas no capítulo 4 - Análise). Estas categorias se mostraram fundamentais para a sequência da pesquisa, já que, a partir delas, o grupo focal foi pensado e estruturado.

3.4 O Grupo Focal

Grupo focal pode ser entendido como um método de pesquisa qualitativa, tendo como objetivo a coleta de dados através das interações de um grupo sobre um determinado tópico elencado pelo pesquisador. Os dados obtidos em um grupo focal dizem respeito às conversas e interações entre os participantes do grupo, essas conversas são pautadas pelo pesquisador, que assume o papel de moderador do grupo (DAL'IGNA, 2012).

Não devemos cair no erro de confundir grupo focal com entrevista em grupo, pois, apesar de ambas serem estruturadas com um grupo de participantes, existe diferenças no desenvolvimento do método tanto na interação entre os participantes quanto na postura do pesquisador.

A diferença recai no papel do entrevistador e no tipo de abordagem. O entrevistador grupal exerce um papel mais diretivo no grupo, pois sua relação é, a rigor, didática, ou seja, com cada membro. Ao contrário, o moderador de um grupo focal assume uma posição de facilitador do processo de discussão, e sua ênfase está nos processos psicossociais que emergem, ou seja, no jogo de interinfluências da formação de opiniões sobre um determinado tema. Os entrevistadores de grupo pretendem ouvir a opinião de cada um e comparar suas respostas; sendo assim, o seu nível de análise é o indivíduo no grupo. A unidade de análise do grupo focal, no entanto, é o próprio grupo. Se uma opinião é esboçada, mesmo não sendo compartilhada por todos, para efeito de análise e interpretação dos resultados, ela é referida como do grupo (GONDIM, 2003, p. 151).

Esta pesquisa utilizou-se deste método para entender as percepções de algumas estudantes moradoras da Casa do estudante universitário sobre a representação da sexualidade feminina em narrativas eróticas. Esta técnica foi escolhida justamente por trabalhar a interação entre os participantes, ajudando a enriquecer o debate.

Dal'igna (2012) elenca a interação entre os participante, a sinergia gerada, flexibilidade de atuação do moderador perante a condução de roteiro estabelecido, profundidade e qualidade das afirmações como as principais vantagens da aplicação de grupos focais em pesquisas.

Apesar das vantagens da realização de um grupo focal, devemos nos atentar às problemáticas que envolvem a aplicação deste método. Uma delas é a maior desenvoltura de alguns participantes em detrimento de outros, alguns participantes podem falar mais que outros, alguns podem até se abster dos debates. “O resultado é que as ideias de alguns participantes não poderão ser analisadas porque foram apresentadas de forma sucinta e não puderam ser expostas” (DAL'IGNA, 2012, p. 201).

Pelos limites que uma monografia nos traz: tempo de pesquisa e experiência em pesquisa, este trabalho limitou-se na realização de dois encontros com o grupo focal, com três integrantes. A equipe envolvida na estruturação do grupo contou com uma moderadora e dois documentadores, além disso utilizou-se celulares para captação de áudio e uma câmera para captação de imagem.

Dal'Inga também nos atenta para a escolha do local de realização dos encontros, uma vez que esta escolha é muito importante para o desenvolvimento do trabalho. “É preciso escolher uma sala confortável para as pessoas participantes (fácil acesso, afastada de interferências, bem iluminada e arejada) e adequada para gravação” (2012,

p. 205). Pensando nestes requisitos, os nossos encontros ocorreram em uma sala estratégica dentro da CEU II, esta sala é reservada e utilizada apenas para realização de cursos, contando com total privacidade.

4. ANÁLISE

4.1 Eu como moradora da Casa do Estudante Universitário (CEU)

A decisão de analisar a circulação da série *Desnude* no Twitter e confrontar os resultados obtidos com a experiências de jovens estudantes da Universidade Federal de Santa Maria e moradoras da CEU vem da vontade de, como também moradora, pautar o feminismo neste espaço.

O campus universitário de Santa Maria foi meu lar desde o primeiro dia em que cheguei na cidade. Inicialmente morei na União Universitária, espaço provisório para estudantes que solicitaram o Benefício Socioeconômico e estão aguardando sua aprovação. Além de ser uma residência provisória, este é um local de socialização e interação com estudantes de diversos cursos, já que dividi o mesmo quarto.

Após a aprovação do Benefício Socioeconômico os moradores da União Universitária saem em busca de um apartamento com vaga disponível na CEU. Este é um processo um pouco mais demorado e desconfortável, pois começa logo após de termos criado amizades de convívio diário em nossas residências provisórias, mas chega a hora de arrancar o curativo e nos inserirmos novamente em outro ambiente e nos adaptarmos a uma nova rotina e novas pessoas.

Ao longo dos anos morando na CEU, tomei conhecimento de diversos casos machistas que ocorreram dentro deste espaço universitário e de convivência, que vão desde julgamentos morais à abusos. Pensando em trabalhar com o mais comum dos julgamentos moralistas: o da mulher vulgar, este trabalho orienta-se no sentido de dialogar sobre a sexualidade feminina.

4.2 Twitter

A escolha desta rede social, assim como aponta Depexe (2015), diz respeito a observar e analisar a circulação do produto audiovisual pela sua dinamicidade e interatividade comunicativa. Como aponta Jenkins (2009), o movimento de convergência entre diferentes mídias estabelece uma interconexão entre as esferas

corporativas, em geral, produtoras de conteúdos tradicionais e os consumidores, que produzem seus conteúdos através das tecnologias digitais a que possuem acesso. As interações entre usuários/consumidores passam a estabelecer discussões sobre os conteúdos consumidos, o que serve de aporte às produtoras que passam a monitorar e gerir ações voltadas aos espectadores.

O Twitter é uma ferramenta de publicação de micromensagens, estas devem possuir, no máximo, 140 caracteres. Seus usuários interagem a partir destas publicações instantâneas, os denominados *tweets*, que podem ser vistas por outros perfis que o “seguem” ou que pesquisam uma *hashtag*.

Ao seguir um perfil, o usuário está escolhendo acompanhar os *tweets* publicados por ele e, assim, conhecer seus interesses. Além disso, é possível interagir nas publicações de outros usuários, isto se dá através das respostas/*replies*.

Hashtags são marcações feitas pelos usuários para identificar um determinado assunto, estas podem ser encontradas por todos os outros usuários, mesmo os que não seguem este perfil. Este foi o método utilizado no trabalho para rastrear as opiniões acerca da série analisada.

A análise e coleta de material no Twitter referente a série *Desnude* se deu através da pesquisa por meio de *hashtags*, a escolha de utilizar somente as *hashtags* para coleta se deu devido ao fato da palavra *desnude* ser comumente utilizada em publicações de perfis em espanhol, referindo-se ao ato de despir-se. As *hashtags* elencadas foram: #Desnude, #DesnudeGNT e #DesnudeNoGNT, sendo esta última a “oficial” divulgada pela própria emissora.

Ao pesquisar por estas *hashtags* encontra-se diversos *tweets* sobre a série tanto de homens quanto de mulheres, porém, uma vez que este trabalho tem o objetivo de entender o consumo da série por mulheres, foram coletados apenas publicações feitas por perfis femininos a partir da data de estréia, 8 de março de 2018, até o dia 20 de junho de 2018.

O *corpus* da pesquisa se constituiu de 108 *tweets* de perfis femininos publicados durante o período proposto. Durante a coleta foi observado um padrão de publicações por perfis de mulheres no Twitter, logo os *tweets* foram classificados em quatro

categorias: recomendam (78), não recomendam (16), influenciadores (8) e sem acesso (6).

4.3 O grupo focal

Foram realizados duas edições do grupo focal, sendo que o primeiro teve a participação de duas entrevistadas (Anna e Amelia) e, o segundo, contou com três participantes (Anna, Amelia e Joana). Os encontros foram realizados no mês de outubro de 2018, em um espaço da Casa do Estudante cedido pela diretoria.

Um marcador importante para a compreensão das opiniões suscitadas pelas colaboradoras da pesquisa está no fato de todas se identificarem como feministas. Esta afirmação delas como participantes do movimento feminista nos ilumina acerca de suas conclusões sobre sexualidade, conclusões estas que poderiam ser completamente diferentes ao conversarmos com mulheres não feministas.

O primeiro encontro teve duração de cerca de quarenta minutos, enquanto o segundo estendeu-se por duas horas. Devido este extenso volume de material para análise, optou-se pela realização de apenas duas edições uma vez que contamos com um período restrito para elaboração desta monografia.

4.4 Apresentação das colaboradoras da pesquisa⁹:

4.4.1 Anna

Natural da cidade de Caxias do Sul, Anna tem vinte e um anos e passou a maior parte de sua vida morando com sua família em sua cidade natal. Este cenário muda quando, aos dezessete anos, matricula-se no curso História - Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria.

⁹ Optamos por manter em sigilo as identidades das colaboradoras, para isso utilizamos nomes fictícios neste trabalho.

Neste momento sua vida passa por uma grande mudança: a menina que, até então, morava com a mãe e o pai, passa a ter que morar sozinha; se antes contava com a presença cotidiana dos pais e as duas irmãs, passou a contar com a presença de muitas pessoas desconhecidas com as quais convivia na União universitária.

Esta mudança foi, segundo ela, fundamental para o seu processo de desenvolvimento pessoal. Ao morar na União Universitária e, posteriormente, em um apartamento na Casa do Estudante Universitário, ela teve contato com realidades completamente diferentes e aprendeu a praticar o exercício de empatia e conviver com diferenças, além de ter sido um período crucial rumo a sua independência.

Seu crescimento pessoal está também atrelado ao contato que Anna teve com o movimento feminista dentro da universidade. Feminismo não era um tema estranho a ela, já havia ouvido falar sobre durante seu período de estudante do ensino médio, porém não se considerava parte do movimento e não se via representada. Este foi um cenário que ela diz ter mudado totalmente após integrar a comunidade acadêmica, esta transição se deve aos debates pautados no âmbito do curso de História e experiências vividas por ela.

Se tornar feminista foi uma construção que se deu fora do seu ambiente familiar, isto está atrelado aos valores que lhe foram estabelecidos em sua criação. Anna cresceu em meio a ideias machistas pautadas por seus familiares, os quais enxergavam um comportamento feminino modelo ancorado no ideal de “mulher que se dá ao respeito”, isso se reflete também no pouco diálogo familiar a respeito de sua sexualidade e de suas irmãs.

4.4.2 Amelia

Estudante do segundo semestre de Produção Editorial, Amelia transitou por outro polo dentro da Universidade Federal de Santa Maria, o centro de educação. Ela começou sua jornada na UFSM cursando Letras - Licenciatura, curso ao qual não se adaptou e passou a conhecer outras opções até se aproximar de seu curso atual, principalmente pelo seu amor por fotografias.

Nascida na cidade de Santa Cruz, Amelia passou grande parte da sua vida no centro do estado do Rio Grande do Sul, até sua família mudar para Santa Catarina onde, atualmente, residem e ela ir morar na cidade de Santa Maria.

Amelia foi criada por seus pais como filha única durante a maior parte de sua vida, já que é irmã mais velha. Esta criação sempre foi envolta em certos julgamentos morais sobre o comportamento feminino adequado, o que ela, como irmã mais velha, tenta desconstruir na criação da caçula.

O contato com o feminismo começou a se estabelecer no final do seu período escolar, no último ano do ensino médio. Porém apenas com os debates acerca do movimento, já dentro do ambiente acadêmico, Amelia afirma-se como militante do movimento feminista, posição que está constantemente sendo revisitada por ela através de leituras constantes sobre a temática.

Além do contato acadêmico com o feminismo, o contato informal com militantes do movimento feminista através da Casa do Estudante foi importante para o seu amadurecimento com a causa. Amizades plurais concretizadas durante seu período na União Universitária se mostraram importantes dispositivos de absorção de informação de diversas áreas científicas, trazendo, segundo ela, ricas “discussões sobre questões sociais, políticas e pessoais”.

Sua posição como feminista a fez revisitar sua criação com outros olhos, observando os aspectos machistas de sua criação, que foram desde o julgamento moral à divisão de tarefas dentro de casa. Agora, em sua posição de feminista, ela tenta constantemente debater e desconstruir essas configurações dentro do ambiente familiar, principalmente focando na criação de sua irmã.

Morar na Casa do Estudante Universitário, para Amelia, é muito importante para o exercício de sexualidade e liberdade, já que ela divide apartamento com o seu namorado. Este fato traz à ela a “liberdade de fazer o que quer é maior do que em casa com os pais, e como não tenho casa própria ainda, é a forma mais próxima de morar sozinha que tenho”.

4.4.3 Joana

Estudante do oitavo semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo, Joana é moradora da Casa do Estudante Universitário desde 2015, ano em que ingressou na Universidade Federal de Santa Maria no curso que sempre teve vontade de cursar.

Joana nasceu na cidade de Três Passos, cidade gaúcha com pouco menos de 25 mil habitantes. Foi criada nesta cidade, na companhia de sua mãe, que sempre foi uma mulher referência de força para ela.

Sua criação foi marcada pelo rigor de sua mãe, seja com horários ou com suas notas na escola, Joana descreve que enquanto seus colegas estavam saindo despreocupados, ela tinha hora certa para voltar para casa e sempre seguia as orientações de sua mãe.

Apesar da proximidade das duas, Joana nunca teve abertura para dialogar sobre sexualidade dentro de casa devido às reações exacerbadas de sua mãe sobre a temática. O episódio em que sua mãe descobre que a filha não é mais virgem é contato com detalhes no capítulo Análise desta monografia.

Em sua vinda para Santa Maria, Joana encontrou uma forma de libertação da criação rígida que lhe dada. Podendo agora exercer sua sexualidade mais abertamente no ambiente da CEU, já que divide apartamento com uma amiga próxima.

4.5 Categorias de análise

Ao analisar os dados coletados nesta pesquisa encontramos discussões semelhantes que foram pautadas tanto no Twitter quanto no grupo focal. Para melhor compararmos e desenvolver as discussões, optou-se por reunir os dados em categorias de análise.

As categorias gostaram, não gostaram e sem acesso reúnem discussões que ocorreram tanto na rede social analisada quanto no grupo focal. Foram elencadas duas categorias específica de cada método: “influenciadores” aborda apenas dados do Twitter e “Educação sexual: da escola ao círculo familiar” conta com discussões pautadas apenas no grupo focal.

4.5.1 Gostaram

Nesta categoria analisamos quais comentários positivos foram feitos a respeito da série, buscando entender o que chama atenção das mulheres a respeito desta narrativa audiovisual, o que nos ajuda a entender como dialogar midiaticamente com o público feminino e torná-lo parte do diálogo sobre sexualidade.



Figura 10: Publicação recomendando a série, 12 de abril de 2018

Nesta publicação, observamos uma interação na qual uma recomendação é chancelada por outra mulher, que também registra sua opinião positiva sobre a série. Podemos analisar que é frisado o fato da produção trazer o ponto de vista feminino, o que parece causar um impacto muito positivo nas espectadoras.

Chama atenção o fato da interlocutora trazer para discussão o “ponto de vista feminino”, destacando-o como incomum, algo excepcional em uma narrativa que tem como tema central a sexualidade. Este ponto relaciona-se com uma discussão sobre representatividade feminina na indústria pornográfica que permeou os encontros do grupo focal.

Não, não tem comparação [com pornô]. Você vê pornô não tem nem o que falar. Mas é até diferente de propostas parecidas. Aquela Erika Lust¹⁰, alguma coisa assim... que ela é uma mulher que produz filmes pornos, né? Acho que é esse o nome dela. Tu vê diferença até ali, entendeu? Ela não leva tanto em conta o ponto de vista da mulher. O que mais... Pra mim o que mais dá para notar é aquela parte do episódio do motel né? Que ela tá imaginando e, na primeira vez, ele que pega a mão dela e coloca no pau dele, né? Aí na hora ela pega, volta e ela que decide colocar a mão, isso aí é demais! Eu nunca tinha visto alguma coisa assim antes (Anna, 2018).

Em sua fala, Anna elenca o ponto que a série faz questão de frisar: o fato da série ser feita através de uma ótica feminina, trazendo o protagonismo da mulher para dentro da série. A cena que ela descreve em sua fala é um dos momentos mais simbólicos da série sobre o empoderamento feminino em sua prática sexual, na qual a protagonista do episódio corrige sua própria fantasia, pois percebe que está se imaginando através de uma ótica masculina.

Esta cena vai de encontro a histórica ideia da mulher casta, pura e que deve ter sua sexualidade velada, quebrando “a imagem que se faz da mulher [como] alguém frágil, que precisa ser decifrado, e o orgasmo é algo a lhe ser oferecido. Quem tem o poder de desvendar esse corpo e proporcionar-lhe prazer é o homem” (XAVIER FILHA, 2007, p. 7).

As consequências desta “visão masculina” da indústria pornográfica para o desenvolvimento da sexualidade feminina também foi um assunto discutido no grupo focal. Amelia elencou duas vertentes sendo uma sobre sua própria experiência de primeiro contato com filmes pornográficos e, a segunda, referindo-se a uma discussão com uma amiga sobre a formação masculina sobre sexo.

[amigos meninos] começaram antes esse rolê dos pornô, eles baixavam uns pesadão e eles mostravam as vezes e eu não queria ver. Eu achava muito absurdo porque era horrível os pornôs, eu fiquei muito assustada, por muito tempo, e eu decidi que eu não queria ver e nem fazer nada (Amelia, 2018).

Esses dias eu estava conversando com uma amiga, que vem aqui de vez em quando, e a gente estava falando sobre sexo... daí falamos de masturbação e lembrei do seu TCC. Ela falou que ela era virgem e foi pesquisar no Google ‘masturbação feminina’, eu achei muito louco porque nunca fiz isso, daí ela foi lá e fez a espécie de tutorial e ela achou muito louco, tipo “caraca, quero fazer

¹⁰ Erika Lust é uma diretora pioneira e premiada na indústria pornô voltado para mulheres, além de possuir uma plataforma própria na qual hospeda seus filmes. Disponível em: <https://erikalust.com/about/>.

sexo”. Ela ficou super empolgada e quando ela foi perder a virgindade foi horrível porque o cara não sabia o que estava fazendo, ela disse que ficou muito decepcionada e isso deve ter sido por causa dos pornôns que o cara olhou e achou que era desse jeito. O [atual] namorado dela estava junto e ela disse que teve que desconstruir muita coisa que ele tinha sobre achar como era sexo porque ele achava que tinha que ser um homem viril e ela teve que mostrar pra ele que era uma troca de prazeres, não era aquela coisa. Ele mesmo falando que abriu as portas da vida dele porque ele viu que não era aquela coisa escrota que ele via no pornô (Amelia, 2018).

Os dois relatos trazem pontos que se relacionam uma vez que temos de um lado a representação de um sexo que não apresenta o prazer da mulher, chegando a assustar uma jovem ao ponto de ela negar o exercício da sua sexualidade e, do outro, a formação de homens que enxergam nos filmes pornôns um modelo do que se entende por sexo.

A pornografia trazida como algo que chega a horrorizar a entrevistada por trazer cenas muito chocantes e violentas é tensionada por Maria Filomena Gregori (2010), uma vez que a autora pesquisa os limites da sexualidade e expressão do erotismo, questionando os prazeres e perigos da sexualidade e do mercado erótico.

Essas duas perspectivas combinadas formam a ideia de que mulheres não gostam de sexo, não devem ver produções do gênero e nem expressar suas vontades, visto que essas vão de encontro com as ideias masculinas.

Esta perspectiva corrobora com os entendimentos de Guacira (2000) acerca da subordinação feminina no exercício da sua sexualidade ao prazer masculino oriunda do sexo, tornando o prazer feminino subordinado ao gozo do homem.

Devido a esta dominação masculina da indústria pornográfica, chama atenção das espectadoras a produção da série erótica contar com uma equipe feminina envolvida nos bastidores, fato que foi exaltado nas redes sociais, como podemos ver na publicação abaixo.

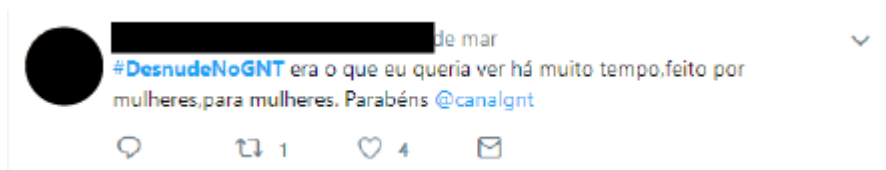


Figura 11: Publicação exaltando a produção feminina, 06 de março de 2018

No grupo focal, Anna chamou atenção para o fato da produção ter sido feita por uma equipe feminina, atribuindo a este fator a visão distinta da representação da sexualidade feminina na série.

Eu vi o documentário.. Foram 107 mulheres, 137, alguma coisa assim trabalhando. Eram só mulheres, entendeu?! Homens só eram os atores. Então, obviamente foi por isso, né? Se tivesse homens ali não seria assim (Anna, 2018).

O destaque para a produção feita por mulheres não é exacerbada já que este é um meio muito masculinizado, ainda mais ao tratarmos de produções audiovisuais de cunho erótico. A Ancine (Agência Nacional do Cinema) divulgou em 2016 uma pesquisa sobre a participação feminina na produção audiovisual, nesta pesquisa obtemos percentuais muito baixos: apenas 17% das obras com Certificado de Produto Brasileiro foram dirigidas por mulheres e 21% contaram com roteiros elaborados por mulheres.

4.5.2 Não gostaram

Se na categoria de *tweets* em que as mulheres recomendam a série a produção é elogiada pelo protagonismo feminino, na categoria em que “não recomendam” observa-se que, mesmo sendo frisado o protagonismo feminino, existem alguns questionamentos levantados adiante, como a discussão sobre o padrão do corpo magro ainda exibido na série, o que causa incômodo pois, mesmo que a série busque apresentar uma diversidade de corpos femininos (mulheres negras, brancas, ricas, pobres), nenhuma das protagonistas foge ao padrão de um corpo que não seja magro.

Este tipo de reprodução da estética magra vigente é questionado em diversos trabalhos de cunho feministas que se preocupam em denunciar a produção de padrões estéticos ideais. Tina Chanter (2011) questiona a série de normas que são atribuídas às mulheres acerca de sua estética, incluindo o padrão do corpo longilíneo, como forma de manter o controle e a subordinação sobre o corpo e a sexualidade das mulheres.

No exemplo abaixo, observa-se que se reconhece que a série seja produzida por mulheres, como um indicativo de avanço no mercado da produção audiovisual, no

entanto, ainda se alerta para a manutenção de um padrão estético “padrãozinho de mulheres globais”, fazendo referência às atrizes da emissora Globo.

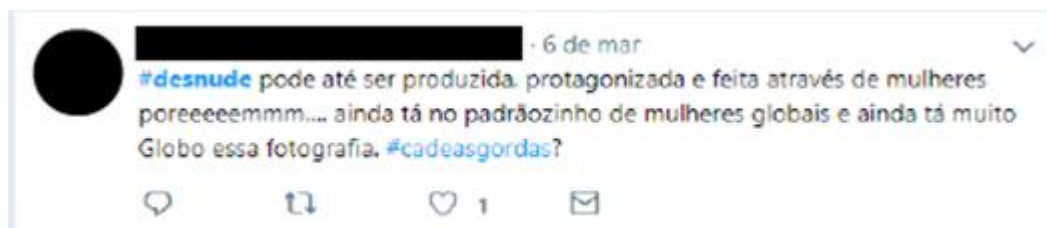


Figura 12: Publicação não recomendando a série, 6 de março de 2018

A mesma crítica ao padrão da estética magra que a série apresenta foi feita por Anna em um dos encontros do grupo, além de criticar a não representação da mulher gorda, ela inclui nesta discussão a representação de mulheres acima de 60 anos e meninas de 15 anos, que também exercem sua sexualidade.

Quando eu penso nisso [representatividade], toda vez que eu penso quem é quem está sendo representado? Eu pensei “tá, uma pessoa negra tem”, não tem uma pessoa gorda, por exemplo, não tem. Tem algumas atrizes mais velhas, mas não tem nenhuma mulher acima de 60 anos transando ali. Tem uma menina mais nova, mas ela tem 18. Meninas de 15 transam, até menos. Então nesse sentido está mais ou menos, sabe? Claro que tem algumas coisas que... ter protagonista negra, a gente tem reconhecer que, óbvio, é muito bom. Mas claro, deixa um pouco a desejar (Anna, 2018).

As críticas sobre a gama de mulheres representadas na série nos ajudam a pensar na qualidade dessas representações. É possível perceber, principalmente por meio da fala da participante do grupo focal, que a produção representa apenas um marcador social em cada episódio, não existe uma pluralidade de marcadores carregados pelas protagonistas, aparentando um caráter um tanto quantitativo em suas representações.

Além do quesito quantitativo, suscita o debate a representatividade da produção, para além da ficção. Algo que pode ser questionado em *Desnude* é o episódio *Indomável*, que apresenta uma protagonista surda, não trazer para o elenco da série uma atriz surda. As produtoras optaram por trazer a influenciadora Clarice Falcão para interpretar a protagonista do episódio, negando um espaço importante de

reconhecimento e representatividade a uma atriz que pudesse dialogar melhor com a comunidade de mulheres surdas.

Outro aspecto criticado por Anna no grupo focal foram as situações irreais que algumas histórias apresentam. Segundo ela muitas partes das histórias não fazem parte da rotina habitual que as mulheres têm no exercício de sua sexualidade. Este fato pode estar atrelado à proposta da série, que é representar as fantasias sexuais femininas, logo podem não condizer com a realidade, mas sim com ideias que habitam o imaginário.

Tem muito coisa forçada, sabe? Tipo assim, eu acho muito boa aquela cena de sexo da mulher negra que está no hotel... tipo é uma das melhores cenas de sexo que eu já vi, assim. Mas outras não! Eu sempre fico pensando nas cenas de sexo que sempre acontece assim: eles não fazem nada e direto tá na penetração! E isso acontece no episódio da Claudia Ohana. Eu não sei se alguém transa assim, eu não! Não sei se isso realmente existe. Algumas coisas nesse sentido, sabe? Que não é realmente. Mas claro, né? A gente não vai achar uma coisa perfeita, mas nesse sentido eu achei que força um pouco algumas coisas. Algumas histórias também, coisas que a gente nunca vai viver, sabe? (Annal, 2018).

Eu acho que muita coisa ali eu penso “eu faria?” não! Tipo, esta do casal né? São pessoas que tu não conhece, ninguém faria isso, assim, da forma como acontece. Acho que nesse sentido é forçado (Anna, 2018).

4.5.3 Influenciadoras

O canal GNT utilizou como estratégia de marketing a divulgação através de influenciadores digitais. Buscando atingir um grande número de possíveis espectadores, o nome da série chega também a diversas mulheres que possuem acesso a canais de televisão por assinatura, porém que também acompanham influenciadoras digitais como, por exemplo, Clarice Falcão¹¹ e Jout Jout¹², que são citadas nas publicações analisadas neste trabalho.

¹¹ Além de atriz e cantora, Clarice Falcão é influenciadora digital com mais de 700 mil seguidores no Twitter.

¹² Seu vídeo intitulado *Oi, nós transamos! Ass: mulheres*, divulgando a série em seu canal possui mais de 500 mil visualizações. Disponível em: <<https://goo.gl/fJVy34>>.



Figura 13: Publicação de influenciadora divulgando a série, 3 de março de 2018

A publicação da influenciadora Clarice Falcão gerou um bom engajamento de seu público feminino, atraindo-as para a série, este fator está atrelado a estratégia de tornar o episódio disponível gratuitamente na plataforma de streaming durante duas semanas, possibilitando aos seguidores assistirem e discutirem sobre a série.

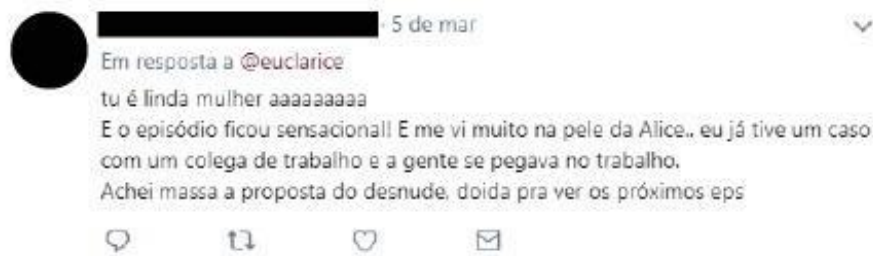


Figura 14: Publicação em resposta a influenciadora, 5 de março de 2018

Na publicação acima, é possível observar que a estratégia de inclusão da influenciadora Clarice Falcão no elenco da série e, posteriormente, a liberação gratuita do episódio na GloboPlay, surtiu efeito positivo. Em resposta à postagem de divulgação feita pela influenciadora no Twitter, sua seguidora elogiou Clarice e o enredo do episódio, pois se identificou com o que foi retratado nele. Por trazer histórias que representam as mulheres, Desnude parece fidelizar as espectadoras, como o caso apresentado na publicação acima.

É possível constatar que a estratégia de divulgação da série através de sua promoção em canais femininos, como o da *youtuber* Jout Jout, também surtiu efeito positivo nas seguidoras. Assim como no vídeo divulgado em seu canal, no qual a influenciadora frisa a produção feminina, sua seguidora também destaca este fator.



Figura 15: Publicação seguidora de influenciadora, 6 de março de 2018

4.5.4 Sem acesso

A série *Desnude* foi transmitida no canal GNT às 23:30h, além de estar disponível na plataforma GloboPlay. O local onde foi transmitida e está hospedada é um fator limitante ao público atingido pela série, além do horário de exibição - exibição esta que ocorreu apenas de segundas a sexta-feiras - também condicionar e limitar o público espectador.

Como apontado no capítulo Consumo Cultural, a pesquisa do IBGE apresentou que apenas 33,7% da população possuía acesso a televisão por assinatura no ano de 2016, sendo que a maior parte deste percentual reside nas regiões sudeste e sul do país. Tendo este dado em mente, podemos entender quem são as espectadoras da série e com quem ela dialoga sobre representação feminina.

A falta de acesso ao canal GNT implicou desde a sua criação, já que os roteiros dos episódios foram baseados em histórias que as espectadoras do canal enviaram

para a produção, logo, quem não era espectadora do canal, dificilmente contribuiu com a criação de Desnude.

Na publicação abaixo, podemos observar a vontade expressa pela usuária da rede social analisada em participar da discussão sobre sexualidade feminina e sua representação na série. Porém também observa-se que a mesma não possui acesso aos locais onde Desnude encontra-se disponível, logo é necessário que ela encontre meios de acessar este material para poder debatê-lo com os demais membros da rede.



Figura 16:: Publicação sobre falta de acesso, 6 de março de 2018

O debate acerca do acesso a conteúdos eróticos voltados para mulheres também esteve presente no grupo focal realizado. Joana trouxe para discussão sites que hospedam filmes pornográficos destinados para mulheres, os quais ela teve conhecimento por meio de um blog que trata, entre outros assuntos, sobre sexualidade feminina.

Não sei se vocês seguem a página Acidez Feminina¹³? Ela fez uma publicação sobre pornôs voltados para mulheres que são muito mais reais, como aconteceria mesmo: locais reais, posições reais... como acontece mesmo. As vezes é uma saída a indústria, que é meio nojento e tal. Esses que ela postou tem os sites lá, só que a maioria é pago! Tinha um que estava liberado e entrei pra ver, os sites são totalmente diferentes, sabe? É realmente voltado para o público feminino mesmo. Porém é pago! (Joana, 2018).

¹³ Acidez Feminina surgiu como blog e, posteriormente, também se inseriu na plataforma de vídeos Youtube. Comandado por Taty Ferreira, o Acidez Feminina aborda temas como sexualidade, estilo de vida e comportamento.

19/09/2013/ POR: TATY FERREIRA

5 sites pornô para mulheres

Eu sei que muitas mulheres vêem pornô e sei também que muitas delas não assumem que vêem.

Uma coisa que sempre me deixou chateada em relação aos sites mais conhecidos de pornô é a falta de beleza. Como qualquer mulher, eu não quero e acho que nem consigo sentir tesão em gente feia escrota com salto de acrílico e unha postiça e esmalte de florzinha transando.

É meio igual novela, mulher gosta de novela porque lá mostra uma fantasia cotidiana, as pessoas tão sempre arrumadas e maquiadas mesmo que seja só pra ficar em casa, os homens são sempre lindos, etc, coisa que na vida real não é assim, ou seja, nosso entretenimento é fantasiar uma realidade mais bonita e eu tenho a impressão que é a mesma coisa em relação ao pornô.

Mulher vê pornô se colocando no lugar da mulher que tá ali. Se for pra se colocar no lugar de uma feia escrota com um cara bizarro de moicano com luzes a gente fica com a realidade mesmo. Por isso tive a ideia de fazer este post, indicando sites de vídeos pornô bem produzidos, com pessoas bonitas, cenário bonito e o mínimo de breiguice possível para as mulheres se divertirem.

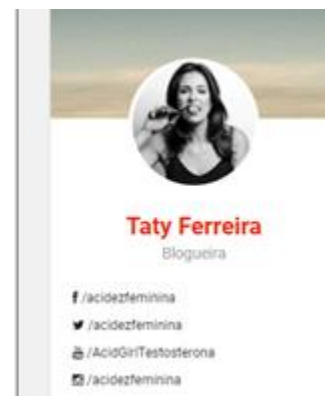


Figura 17: Publicação do site Acidez Feminina

A restrição de acesso ao conteúdo, por meio de assinaturas, é algo que limita o debate e exercício da sexualidade feminina, uma dificuldade que não afeta o público masculino que procura narrativas eróticas/pornográficas na internet. A participante do grupo focal relata que conseguiu acessar apenas um dos sites, no qual pode notar diferenças significativas ao comparar com os demais sites de conteúdo pornográfico.

É só olhar aquele X-videos, as vezes eu entro só por curiosidade... Tem categorias assim: zoofilia, pedofilia, de tudo! Mas também categorias que não sei de onde tiram, coisas tipo “sexo com anãs”, “sexo com japonesa”... Cara! (Joana, 2018).

4.5.5 Educação sexual: da escola ao círculo familiar

Durante as edições do grupo focal, as integrantes levantaram questões sobre a formação de cada uma delas como mulheres que exercem suas sexualidades. O amadurecimento e desenvolvimento de suas práticas sexuais foram marcados pelos aprendizados absorvidos pelas principais instituições educacionais: a escola e a família.

A relação das integrantes do grupo com a família em torno da temática sexo sempre foi algo refletido como inexistente, de difícil acesso ou silenciado. Sexo não é um assunto facilmente discutido na família das interlocutoras, sendo uma temática tabu e que causa reações alarmadas entre mães e pais.

Eu namorava um tempão, um tempão não, seis meses. Mas eu fiquei pensando que eu acho que não saberia falar também com meu filho sobre sexo, tipo 'vem cá filho, vamos conversar'. Aí no programa [Encontro com Fátima Bernardes] tinha um psicólogo e ele comentou que não é assim que se aborda, no estilo 'vamos falar sobre sexo', mas ser aquele pai que está ali, sabe? Deixar aberto para o teu filho procurar. Lá em casa nunca tive isso, tanto que minha mãe chorou quando falei que não era mais virgem (Joana, 2018)

Não sei [motivo da mãe ter chorado]. Se foi uma decepção por eu não ter contato, sabe? Ou ser por tipo ela não estar presente ou por não esperar. Eu sempre fui muito *chatona*, muito do estudo e comecei a namorar... Eu era do tipo que tinha hora pra chegar em casa, quando a galera não tinha. Não sei se ela não esperava. Mas por mim eu falei super tranquilo, sabe? Ela perguntou 'Eai, Joana? Já aconteceu alguma coisa entre você e seu namorado?' e eu 'já', ela olhou e começou a chorar. Ela ficou perguntando 'por que você não me falou?', só que eu, em nenhum momento, senti abertura para falar com ela. Eu já tinha procurado ela para tomar anticoncepcional porque eu tinha problema hormonal, aí eu parei porque já tinha feito o tratamento, não precisava, mas eu quis voltar porque tinha começado a namorar, mas ela não deixou. Falou que não, que eu não ia tomar anticoncepcional e tal, surtou! Então eu acho que o choque dela foi por isso, em saber que ela podia ter me apoiado, porque quem quer faz e faz de qualquer jeito, e acho que foi isso o susto dela, em saber que ela podia ter ajudado e estado ali naquele momento especial... ou não, mas não estava (Joana, 2018).

Joana nos apresentou a relação com a sua mãe, a qual aparenta ser bem fechada em relação a sexo já que ela chegou a chorar ao tomar conhecimento que a filha não era virgem. Isto se deve ao fato de não haver um diálogo sobre sexualidade dentro do ambiente familiar, o que se mostra um padrão na criação de todas as entrevistadas.

Minha família não fala disso comigo; nem a minha irmã que é um pouco mais velha do que eu. Isso é bem tabu assim na minha casa, foi um pouco por mim assim e na escola. Na escola eu tive bastante coisa, sabe? Mas era muito no sentido de proteção, sabe? Tipo ensinar a camisinha na banana e também de proteção a gravidez, questões muito biológicas. De sexo, não. Na escola nunca teve isso (Anna, 2018).

A segunda instituição de poder responsável pela educação sexual que as interlocutoras tiveram contato e participou das suas formações como mulher foi a escola. A escola foi responsável pelo aprendizado que as entrevistadas tiveram sobre prevenção à doenças sexualmente transmissíveis, porém em nenhum momento foi pautado o prazer como temática em sala de aula. Esta restrição vem por parte da escola,

já que os alunos parecem ter vontade de falar sobre o assunto pois não encontram esta discussão dentro de casa, como podemos observar na fala da Anna:

Não sei como é como pai, mas como professora, ainda como estagiária, eu aproveito as situações. Só o que acontece é que eles não param de falar, eles querem falar, eles querem muito. Na última aula eu mostrei umas esculturas eróticas astecas, aí imagina! (Anna, 2018).

Guacira (2003) analisa algumas lembranças de seu período escolar e, assim como apontado pelas colaboradoras no grupo focal, chega a conclusão do silenciamento desta instituição acerca do sexo como prática de prazer. A autora aponta uma incessante tentativa de desviar a atenção do exercício da sexualidade, principalmente feminina.

Muitos espaços online também podem ser entendidos como propícios ao desenvolvimento de auto-conhecimento e discussão sobre sexualidade. Através desta ferramenta, as mulheres podem ter acesso a discussões que não estão presentes na escola e no ambiente familiar de grande parte das jovens. Através das redes sociais, materiais sobre sexualidade feminina vem sendo produzidos e divulgados, como nos perfis citados por uma das interlocutoras.

Pelo agora começou a surgir umas coisas boas. Tem dois *instas* que eu sigo que são: meu clitóris, minha regras e o garota molhada. E é bem nesse sentido, esse meu clitóris, minhas regras traz umas explicações ótimas e o garota molhada também é nesse sentido, ensina a masturbar, faz propaganda de brinquedos eróticos...É bem interessante (Anna, 2018).

Os dois perfis do Instagram citados pela interlocutora se dirigem, principalmente, às jovens, trazendo uma espécie de tutorial de sexualidade. Este é um movimento muito importante para o desenvolvimento sexual das jovens, pois, como fica claro na fala das participantes desta pesquisa, não há um diálogo presente nas instituições educacionais no sentido do prazer feminino.

inquietacoesfemininas

ORGASMOS

EM UMA MULHER

CLITÓRIS
Estimulado com os dedos ou por via oral, está localizado onde os pequenos lábios se encontram.

VAGINAL
Ocorre por conta do prazer na hora da penetração da vagina. É preciso encontrar e estimular o "Ponto G".

PONTO U
Está localizado nas glândulas de Skene e pode ser estimulado esfregando o pênis.

PONTO G
Está localizado dentro da vagina, acima do osso púbico, é uma área rugosa.

SEIOS
As carícias com a língua e as mordidas suaves são muito eficazes.

ANAL
É estimulado oralmente ou com penetração, não esqueça as preliminares e um lubrificante.

meuclitorisminhasregas • Seguir

meuclitorisminhasregas Vc já teve um orgasmo? Sabe qual a sensação? Sabe como chegar nele? Investigue-se. A gente ama falar de clitoris... mas ele não precisa ser o único responsável... nosso maior órgão sexual é a pele (e o cérebro). Bom feriado pra todes, sem esquecer de plantar amor nesses tempos de ódio! Pas
#meuclitoris #meuclitorisminhasregas #orgasmo #prazerfeminino #autoconhecimento #autodescoberta #muitoamor #setoca #feminismo #setoca #toquese #masturbacao #clitoris #feminista #empoderamento #sororidade #maisamorporfavor #anatomiafeminina #masturbacao

Ver todos os 48 comentários

1.402 curtidas

11 DE OUTUBRO

Adicione um comentário...

Figura 18: Publicação do perfil Meu clitoris, minhas regras

A publicação do perfil Meu clitoris, minhas regras traz uma espécie de guia anatômico dos locais que podem ser prazerosos durante as práticas sexuais, além de trazer dicas de como estimular cada um destes pontos. Um importante aspecto da publicação é o fato de chamar atenção para a masturbação, tanto no uso da *hashtag* quanto da expressão “investigue-se”, assunto que não é tratado nas escolas e no âmbito familiar.



Figura 19: Publicação do perfil Blog Garota molhada

O perfil Garota Molhada também trabalha no sentido de apontar os pontos que podem ser prazerosos para as mulheres. A publicação acima trabalha no sentido de desconstruir o senso comum a respeito das zonas erógenas, incentivando a descoberta deles com o parceiro/parceira.

Pelo grande engajamento das publicações de ambos os perfis, podemos observar que os dispositivos de conhecimento sobre sexualidade que as mulheres acessam encontram-se disponíveis, principalmente, online, principalmente através das redes sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste trabalho nos permitiu pensar acerca da sexualidade feminina desde suas restrições até seus dispositivos de exercício e autoafirmação. No subcapítulo *Feminismos e Femininos*, encontramos uma articulação teórica sobre as restrições encaradas pelas mulheres ao longo da história, utilizando-se de autoras como Nunes (2000), Del Priori (2001) e Bluter (2016) para nos ajudar a pensar este longo histórico de repressão feminina nas sociedades ocidentais.

O ponto principal desta monografia firmou-se no estudo e entendimento da sexualidade feminina através dos olhares das mulheres. Pensando em discutir o exercício da sexualidade, a série *Desnude* foi trazida como suporte para suscitar este debate, tanto através da rede social analisada, quanto no Grupo Focal realizado com moradoras da Casa do Estudante Universitário da UFSM.

Percebemos que a série gerou debates sobre a importância de pensarmos em um mercado erótico voltado para a mulher. Observa-se que a série recebeu muitos elogios no Twitter, principalmente por trazer uma narrativa erótica pensada para e por mulheres, pois o mercado erótico carece de produções voltadas para o público feminino, parecendo negar sua sexualidade.

A discussão sobre o mercado erótico foi algo aprofundado nas edições do Grupo Focal, nos quais as participantes se posicionaram em defesa da necessidade de pensarmos o erotismo feminino e o cancelarmos com a criação de um mercado pensado nele. As colaboradoras também nos ajudam a pensar na indústria pornográfica, a qual nega a sexualidade e prazer feminino, subordinando-o ao prazer masculino e, com isso, sendo um dos grandes responsáveis pela repercussão de machismos, abusos e subordinação feminina em suas práticas sexuais.

Os filmes pornográficos foram apontados pelas colaboradoras como um dos meios de educação sexual masculino, já que estes são o público alvo destas produções. Já a formação feminina sobre sua sexualidade e exercício está subordinada à educação formal escolar, que foca em aspectos biológicos e reprodutivos da prática, fugindo do sexualidade e prazer.

Outra instituição responsável pelos ensinamentos sobre sexualidade é a família, as entrevistas apontam que em seu círculo familiar foram transmitidos ensinamentos machistas sobre sexo, orientando-as a “se darem ao respeito”, tentando velar suas sexualidades.

Neste sentido, a internet e as produções audiovisuais têm um papel fundamental na formação de jovens sobre suas sexualidades, tornando-se dispositivos para descobertas e exercício sexual, como foi apontado em uma das edições do grupo focal. Focado na sexualidade feminina, foi apontado diversos sites com produções sexuais, porém uma reclamação feita foi a falta de acesso a esses materiais já que era necessário pagar pelo conteúdo.

Esta falta de acesso foi algo discutido também nas publicações feitas no Twitter sobre a série *Desnude*. Por ter sido transmitida por um canal de televisão por assinatura e disponibilizada em um site de *streaming* também pago, *Desnude* não chegou à grande parte das mulheres, principalmente as que estão afastadas das grandes metrópoles do país, onde o percentual de assinaturas de televisão é menor (IBGE, 2016).

Sobre este fator podemos concluir que a discussão sobre a liberdade sexual feminina e sua possibilidade de protagonismo nas práticas sexuais levantadas pela série, não chegou à grande parte das mulheres. Como Bluter (2016) já havia criticado, esta pauta feminista ainda repercute dentro de apenas alguns grupos elitizados de mulheres, não chegando aos grupos mais marginalizados.

A narrativa da série *Desnude* tenta dialogar com diversos grupos de mulheres, apresentando protagonistas que carregam diferentes marcadores socioculturais, porém falha em levar esta narrativa a uma pluralidade de mulheres. No Twitter, observamos uma discussão acerca da representatividade mostrada na série: a exclusão de mulheres gordas no exercício de sua sexualidade.

Com a realização deste trabalho, pudemos observar que a série *Desnude* tem uma proposta bem diferente das produções audiovisuais, principalmente se pensarmos nas de cunho erótico e somarmos sua transmissão em um canal de televisão, mesmo este sendo por assinatura.

Também concluímos que a série, mesmo trazendo diferentes atrizes para protagonizar histórias com uma pluralidade de mulheres que carregam diferentes

marcadores socioculturais, podemos observar que esta representatividade ainda não agradou totalmente suas espectadoras, as quais cobram uma representação mais extensa para abarcar mulheres que não se sentiram representadas, as quais observamos que também não são representadas em outras mídias.

Ainda temos muito a pesquisar sobre sexualidade feminina e reivindicações de liberdade e autoafirmação. Este trabalho deixa algumas questões em aberto como possíveis abordagens para articular as temáticas propostas com a série pesquisada; uma abordagem junto a mulheres assinantes do canal GNT seria muito interessante para cruzar dados entre as impressões registradas nesta monografia com estas mulheres que, possivelmente, são mais velhas que as pesquisadas aqui.

REFERÊNCIAS

- Acidez Feminina: **5 sites pornô para mulheres**. Disponível em: <<http://acidezfeminina.com.br/mulheres/5-sites-porno-para-mulheres/>> . Acesso em: 30 de out. 2018.
- ANCINE. Participação feminina na produção audiovisual brasileira. 2016. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/participacao_feminina_na_producao_audiovisual_brasileira_2016.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.
- AURÉLIO, Dicionário. 2018. Online. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/sexo>>. Acesso em: 05 mai. 2018.
- Blog Garota Molhada**. Perfil do Instagram. Disponível em<<https://www.instagram.com/bloggarotamolhada/>>. Acesso em: 30 de out. 2018.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005
- CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Cátia Damasceno**. Canal do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/mulherbemresolvida>>. Acesso em: 02 mai. 2018.
- CHANTER, T. **Gênero**: conceitos-chave em filosofia. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COSTA, A. A. A. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. Disponível em: <<http://www.mobilizadores.org.br/wp-content/uploads/2014/05/texto-5363c73631215.pdf>> Acesso em: 27 de maio de 2018.
- DAL'IGNA, M. C. O Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. In: **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. cap.9, p.195-217.
- DEPEXE, S. **Distinção em 140 caracteres**: Classe social, telenovela e Twitter. 2015. 235 f. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.
- DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- DRelacionamentos**. Canal do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/DRelacionamentos>>. Acesso em: 02 mai. 2018.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2002000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 07 dez. 2018.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2016. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=19937&t=publicacoes>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

Jout Jout Prazer. Canal do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/user/joutjoutprazer>>. Acesso em: 02 mai. 2018.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação**. 8 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MESSA, M. R. P. **As mulheres só querem ser salvas: Sex and the City e o pós-feminismo**. 2006. 138 f. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

Meu clitóris, minha regras. Perfil do Instagram. Disponível em <<https://www.instagram.com/meuclitorisminhasregras/>>. Acesso em: 30 de out. 2018.

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PEREIRA, C. R. **Em um relacionamento sério com o celular: Uma etnografia das práticas de consumo de smartphones por mulheres**. 2017. 203 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.

PONTES, D. F. **Como as revistas femininas brasileiras identificam as representações da sexualidade feminina: um estudo de caso das revistas Lola, Nova e Marie Claire**. 2015. 277 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

PRIORI, M. D. **História do amor no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

ROCHA, E. Apresentação. In: DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006. p. 7-18.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Urbano, 2004.

SANTANA, L. M. **Tem pornô para mulher?**: Uma abordagem crítica da pornografia feminista. 2014. 93 f. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014.

SARTI, C. A. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970**: revisitando uma trajetória trajetória. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>> Acesso em: 27 de maio de 2018.

THOMPSON, J.B. Fronteiras cambiantes da vida pública e privada. **MATRIZES**, São Paulo, V. 4, n. 1, p. 11-36, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/matrizes/article/view/38273>> Acesso em: 07 dez. 2018.

XAVIER FILHA, C. **A Sexualidade feminina entre práticas divisoras**: Da mulher “Bela Adormecida” sexualmente à multiorgástica. 2007. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23-3297-int.pdf>> Acesso em: 3 de abril de 2018.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópoli: Vozes, 2012. p.7-72.